

XCLUSIVE

FEED & FOOD

INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO

20 anos



AVES
AVIMIG COMPLETA
70 ANOS DE SERVIÇOS
DEDICADOS AO
AVICULTOR
MINEIRO

PEIXES
COOMAPEIXE
DESTRAVA GARGALOS
DA AQUICULTURA
CATARINENSE

SAÚDE
GRIPE AVIÁRIA
ACENDE ALERTA
E BRASIL
INTENSIFICA
BARREIRAS
SANITÁRIAS

PERNAMBUCO

ALAGOAS

SERGIPE

MAPA DO BOI NORDESTINO

EXPEDIÇÃO ENCORTE PERCORRE 32 MIL KM EM SEU
PRIMEIRO ANO E COMEÇA A DESENHAR O PERFIL
DA PECUÁRIA NO NORDESTE



Controlar cada etapa produtiva, é o que nos fez alcançar a excelência!

- ✓ Soluções em nutrição e saúde animal.
- ✓ Especialistas em fermentação com mais de 50 anos de experiência.
- ✓ Presença global com suporte especializado.



FUNDADOR

Oswaldo Ciasulli
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO

Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

COORDENADORA DE CONTEÚDO

Camila Santos
(MTb 39.770)
camila@dc7comunica.com.br

REPÓRTERES

Caroline Mendes
(MTb 0058900/SP)
caroline@dc7comunica.com.br

Marcelo Macaus
Felipe Machado
felipe@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

Daniel Guedes
(MTb 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

FINANCEIRO

Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

ADM/TRAFEGO

Carolina Baggini
carolina@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DA EDIÇÃO

ABCC, Ariosto Mesquita (DRT/MG 3474),
Ariovaldo Zani, Fabio Pereira,
Gláucia Bezerra (Mtb 80.373),
José Luiz Tejon, Mauricio Moraes
e Murilo Piva

Portal de notícias:

www.feedfood.com.br

Revista on-line gratuita:

www.revistafeedfood.com.br

A Revista Feed&Food é uma publicação brasileira, editada em português, com editorial dirigido a toda agroindústria de proteína animal, incluindo associações do segmento, universidades, sindicatos e o MAPA, na defesa da segurança alimentar e sustentabilidade. Os artigos assinados e informes publicitários não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total de reportagens e artigos publicados sem a autorização por escrito dos editores.

Registro: ISSN 1809-3027 Periodicidade: Mensal



CONSTRUÇÕES SÓLIDAS PARA O FUTURO DO AGRO

Neste mês de junho, trazemos reportagens que ilustram como tradição, gestão e inovação caminham lado a lado na construção de um agro mais preparado para os desafios do presente e do futuro. Na reportagem de capa, o Encorte revela a força crescente da pecuária do Nordeste, que vive um momento de expansão tecnológica e estrutural. Os números são expressivos, mas é a articulação entre pesquisa, manejo e profissionalização que sinaliza o rumo da mudança.

A sustentabilidade também ocupa espaço central em nossa editoria especial Agentes de Transformação. Nesta edição, fomos ao Vale do Itajaí, em Santa Catarina, para conhecer o trabalho da Coomapeixe. A cooperativa aposta em gestão eficiente, diversificação produtiva e responsabilidade ambiental para garantir perenidade à aqüicultura na região. É um modelo que mostra como a organização comunitária pode ser motor de progresso sustentável.

Já em Minas Gerais, a AVIMIG celebra seus 70 anos reafirmando sua relevância estratégica para o setor avícola. A entidade tem sido protagonista em ações voltadas à biossegurança, inovação e representatividade. E, nesta edição, reforçamos seu papel de liderança técnica e institucional — conectando o passado à modernização constante que o campo exige.

Na soma desses exemplos, vemos um agro que se movimenta com consistência. Que investe em conhecimento, valoriza a cooperação e entende que o desenvolvimento econômico, social e ambiental só é possível com planejamento de longo prazo. Como sempre, nossa missão aqui é dar visibilidade a essas trajetórias que moldam o presente e constroem o futuro do setor.

Boa leitura e seguimos juntos!



Diogo Ciasulli
CEO da Feed&Food

SUMÁRIO

14

CAPA

ENCORTE APONTA
EXPANSÃO
TECNOLÓGICA
E ESTRUTURAL
DA PECUÁRIA DO
NORDESTE



AGRO INOVAÇÃO

06 Pesquisa e inovação são motores para o desenvolvimento econômico, social e ambiental do país

SOLUÇÕES PWC

08 Tecnologias digitais integradas aos controles sanitários proporcionam avanços na saúde e nutrição dos rebanhos

ENTREVISTA

10 Presidente da Abra, Pedro Bittar explica por que a entidade defende o fim da exigência de esterilização das farinhas

QUALIFICANDO

12 bezerros alimentados com uma dieta de alta qualidade crescem mais rapidamente e com maior eficiência

COLUNA FEED

22 Soja estabelece um elo estratégico que conecta o campo (talhão) ao consumidor (talher)

ABPA NEWS

24 Abpa ativa plano de ação estratégico para enfrentamento da Influenza Aviária

GRÃOS

26 Primeiro trimestre de 2025 consolidou a posição do Brasil como protagonista global no mercado de grãos

SEGURANÇA ALIMENTAR

30 Segurança dos insumos representa um fator crítico para a integridade da cadeia produtiva

ABIQUIFI NEWS

32 Abiquifi destaca avanços científicos e regulações para aplicações veterinárias do Canabidiol



38

ESPECIAL

AVIMIG

AVIMIG COMEMORA 70 ANOS E REFORÇA SEU PAPEL ESTRATÉGICO NO DESENVOLVIMENTO DA AVICULTURA MINEIRA

62

ESPECIAL

AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO

COOMAPEIXE SE APOIA EM GESTÃO E RESULTADOS PARA GARANTIR O FUTURO SUSTENTÁVEL DA AQUICULTURA CATARINENSE

AVES

34 IAAP: especialista destaca a importância do plano de contingência e da atuação conjunta entre setor público e privado

SUÍNOS

42 Inverno exige atenção redobrada e manejo estratégico

BOVINOS

48 Beef Passion integra bem-estar animal, manejo sustentável e genética de alta performance como pilares
54 Fazenda Primavera, em Santa Mônica (PR), obtém lucro líquido de R\$ 1.350/ha/ano

PROCESSAMENTO

58 Desafios da indústria cárnea vão desde a infraestrutura das plantas até o treinamento das equipes

ASBRAM NEWS

60 Agro brasileiro se reposiciona como modelo estratégico de sustentabilidade

AQUICULTURA

66 Rastreabilidade na aquicultura garante acesso a mercados e confiança do consumidor

GREGOLIN

69 Carta de Belém propõe que a produção de pescado seja reconhecida como atividade estratégica global e amazônica

ABCC NEWS

70 Os desafios e as reais perspectivas da carcinicultura marinha brasileira

MKT DO AGRO

74 Marketing: afinal o que é, o que não é, como se faz? Para o que e para quem serve?



IMPACTOS DA INOVAÇÃO

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) é a principal instituição de pesquisa agropecuária do Brasil. O Balanço Social, publicado em 2025, apresenta os principais resultados alcançados pela instituição no ano anterior. Os dados divulgados oferecem um bom parâmetro para compreender o real impacto que a inovação gera na sociedade em diferentes dimensões.

Com base nos resultados econômicos das soluções tecnológicas, calcula-se o lucro social desenvolvido pela Embrapa à sociedade brasileira. Segundo o relatório, cada R\$ 1 investido gerou R\$ 25,37 em retorno para a sociedade, a partir da análise de uma amostra de 166 tecnologias e 110 cultivares, totalizando um lucro social de R\$ 107,24 bilhões. Além disso, foram gerados ao menos 35.717 empregos, considerando os postos de trabalho criados em decorrência do uso das tecnologias avaliadas no último ano do balanço.

Outro aspecto relevante é a distribuição dos impactos econômicos por grupos de soluções tecnológicas. Os benefícios gerados se distribuem da seguinte forma: manejo agrossilvipastoril e correções de solo (59%); produção animal (19%); sistemas e serviços (9%); fibras, oleaginosas e cereais (6%); frutos e castanhas (6%); e hortaliças, raízes e leguminosas (1%). O relatório também permite uma análise dos tipos de benefícios econômicos proporcionados pelas tecnologias da Embrapa.

O primeiro e mais recorrente tipo de benefício é o incremento de produtividade. Das 166 tecnologias avaliadas, 107 proporcionaram ganhos oriundos desse fator, gerando em um impacto econômico de R\$ 61,06 bilhões. O segundo tipo corresponde aos ganhos por redução de custos, obtidos por meio de tecnologias que economizam insumos ou utilizam alternativas mais competitivas. Como exemplo, destacam-se os manejos integrados de pragas, com 50 tecnologias que resultaram em uma economia de R\$ 36,07 bilhões para os produtores. A tecnologia mais relevante nesse quesito é a fixação biológica de nitrogênio, que permite substituir fer-

tilizantes nitrogenados pela inoculação de sementes com estirpes específicas de bactérias.

O terceiro tipo de benefício é a agregação de valor, proporcionada por tecnologias agroindustriais e de processamento, que permitem algum tipo de tratamento no produto final, resultando em maior valor de venda. O quarto tipo, e também o mais raro, é a expansão da produção para novas áreas, viabilizada por inovações que tornam possível o cultivo em locais antes considerados inadequados. Neste quesito, 39 tecnologias de agregação de valor e 15 relacionadas à expansão produtiva para novas áreas geraram, juntas, um aumento de renda de R\$ 5,06 bilhões. Por fim, vale destacar que, das 166 soluções tecnológicas avaliadas, 36 apresentaram multibenefícios, ou seja, proporcionaram mais de um tipo de benefício econômico simultaneamente, resultando em um impacto de R\$ 2,28 bilhões.

Diante dos resultados apresentados, torna-se evidente a importância de ampliar os investimentos em pesquisa e inovação tecnológica no setor agropecuário, um dos principais motores do desenvolvimento econômico, social e ambiental do país. Fortalecer instituições como a Embrapa, por meio de recursos financeiros, humanos e estruturais, é essencial para que o Brasil continue expandindo sua competitividade no mercado global, ao mesmo tempo em que promove a segurança alimentar, a preservação dos recursos naturais e a melhoria da qualidade de vida da população. O Balanço Social pode ser acessado na íntegra no site da Embrapa: www.embrapa.br. ■

SEGUNDO O BALANÇO SOCIAL, CADA R\$ 1 INVESTIDO NA EMBRAPA GEROU R\$ 25,37 EM RETORNO PARA A SOCIEDADE, A PARTIR DA ANÁLISE DE UMA AMOSTRA DE 166 TECNOLOGIAS E 110 CULTIVARES, TOTALIZANDO UM LUCRO SOCIAL DE R\$ 107,24 BILHÕES



Murilo C. B. Piva é formado em medicina veterinária e relações internacionais. Com MBA em negócios internacionais e especializações em marketing estratégico e agronegócio. Cofundador de startups no agro, consultor de inovação e diretor executivo na Piva International



GMP+ recertificada.


Compromisso e responsabilidade
**NA PRODUÇÃO DE ADITIVOS E
INGREDIENTES SEGUROS PARA
OS ANIMAIS.**



 **ativo** INOVAÇÕES EM EFICIÊNCIA ALIMENTAR

 **mastersorb** INOVAÇÕES EM PROTEÇÃO CONTRA TOXINAS

 **PROTE-N** INOVAÇÕES EM SUPLEMENTAÇÃO DE NNP

 **lobigen** INOVAÇÕES EM NUTRIÇÃO DE LEITÕES E PET

 **gamos**  **Levuly**  **Factor**  **Brewmax** INGREDIENTES FUNCIONAIS



Empresa certificada
GMP+ no Brasil

CIÊNCIA APLICADA EM NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL.

www.grasp.ind.br |     /grasp.ltda





Maurício Moraes e Fábio Pereira

A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NA SAÚDE E NUTRIÇÃO ANIMAL

O agronegócio é um dos principais setores da economia brasileira, incluindo as cadeias de valor da agricultura, pecuária, floresta entre outros segmentos, essencial para assegurar a produção de alimentos, fibras, bioenergia e serviços ambientais. No segmento de proteína animal o Brasil lidera as exportações de carne bovina e de frango, sendo referência global no uso de tecnologias e protocolos de biossegurança.

Ao mesmo tempo, o setor está exposto a diversos riscos, seja em função do clima, e também no caso da zootecnia, desafios relacionados à saúde e nutrição animal, exigindo o gerenciamento dos riscos de doenças, como o recente caso de gripe aviária em granja comercial no Brasil.

Nesse contexto, tecnologias digitais integradas aos controles sanitários, como alojamentos limpos e desinfetados, estão surgindo com soluções que buscam otimizar a gestão de riscos, proporcionando avanços significativos na saúde e nutrição dos rebanhos. O uso de sensores equipados com dispositivos de Internet das Coisas (IoT) tem revolucionado a forma como os animais são monitorados. Esses dispositivos acompanham sinais vitais, como temperatura corporal e comportamento, permitindo uma detecção precoce de doenças e alterações de saúde.

A inteligência artificial (IA) complementa essa abordagem, ao analisar os dados coletados, por meio de algoritmos avançados, pode-se antecipar riscos sanitários e implementar medidas preventivas, o que potencializa a capacidade de resposta diante de ameaças à saúde dos animais. Outro avanço é a automação na administração de tratamentos, assegurando que medicamentos sejam fornecidos corretamente e na dosagem ideal, reduzindo o uso inadequado e aumentando a eficácia e segurança do manejo sanitário. A customização das dietas pode ser aprimorada através da criação de planos nutricionais sob medida, isso a depender do modelo de negócio e tipo de rebanho, melhorando a saúde e eficiência produtiva, ajustando a dieta às necessidades específicas dos animais.

Até mesmo uso de drones equipados com câmeras podem avaliar a estrutura física de gal-

pões, como detectar possíveis pontos de contaminação, e também monitorar o movimento das aves migratórias em áreas abertas, para evitar o contato de aves silvestres com o rebanho.

A tecnologia blockchain está sendo usada para garantir a rastreabilidade dos ingredientes da ração, assegurando que todos os componentes atendam aos padrões de qualidade e estejam livres de contaminantes, promovendo maior transparência na cadeia de fornecimento. Além disso, sensores analíticos e softwares avançados verificam a composição química da ração, garantido que os alimentos oferecidos aos animais atendam às exigências nutricionais, essencial para prevenir deficiências e intoxicações, que podem comprometer a saúde e produtividade.

O foco das tecnologias digitais na saúde e nutrição animal está transformando o segmento, proporcionando monitoramento detalhado, com estimativas e intervenções mais precisas. Por meio dos sistemas que já estão no mercado, é possível fazer uma gestão estratégica e otimizada de granjas com base em dados financeiros e zootécnicos integrados, análises de custos, acompanhamento de indicadores em tempo real e automação de processos para coleta de dados automática.

Além da prevenção, também é importante a capacidade de resposta frente a um acontecimento, com base em inteligência de dados, acionar suporte e garantir o abastecimento através da regionalização dos mercados, ou seja, quando há um foco de doença em determinado local, apenas aquela região ficaria embargada, enquanto demais áreas, livres de doença continuam operando, com as devidas ações de biossegurança e gerenciamento de eventual crise sanitária.

A transformação digital no agronegócio é fundamental para assegurar competitividade e sustentabilidade. A adoção de tecnologias integradas trazem uma vantagem estratégica significativa, ao otimizar recursos e aumentar a eficiência produtiva do negócio. No entanto, o desafio não está apenas na implementação dessas soluções, mas também na governança e cultura organizacional, desenvolvendo uma visão de longo prazo que integre a digitalização de forma estratégica. ■



Maurício Moraes
Sócio da PwC Brasil e
líder de Agribusiness

Fábio Pereira
Diretor da PwC Brasil
e especialista em
Agribusiness



Pecuária Sustentável

O caminho natural para a eficiência produtiva e créditos de carbono?



PUBLICIDADE

25 e 26 de setembro / 2025

Hotel Royal Palm Plaza . Campinas/SP

Compre suplementos minerais de associados da **ASBRAM**.



www.asbram.org.br | (11) 3897.9390



Associação Brasileira das Indústrias
de Suplementos Minerais

FIM DA ESTERILIZAÇÃO: UM MARCO PARA A RECICLAGEM ANIMAL

PRESIDENTE DA ABRA, **PEDRO BITTAR** EXPLICA POR QUE A ENTIDADE DEFENDE O FIM DA EXIGÊNCIA DE ESTERILIZAÇÃO DAS FARINHAS E REVELA OS IMPACTOS ECONÔMICOS E OPERACIONAIS DA MEDIDA PARA O SETOR

CAROLINE MENDES

caroline@dc7comunica.com.br

A exigência de esterilização das farinhas pode estar com os dias contados. Após quase duas décadas de investimentos pesados e negociações complexas com o Ministério da Agricultura, o setor de reciclagem animal aguarda a efetivação de uma decisão que promete encerrar de vez essa exigência – cuja motivação foi mais política e comercial do que científica, segundo a ABRA. Em entrevista à **Feed&Food**, o presidente da entidade, Pedro Bittar, relembra a origem da norma, detalha o movimento pelo fim da obrigatoriedade e aponta os desafios enfrentados pelas indústrias enquanto a decisão não é implementada.

Feed&Food - Por que a ABRA lançou a campanha pela não esterilização das farinhas? Pedro Bittar – A ABRA nasceu justamente por conta da exigência de esterilização. Isso foi há quase 19 anos. O Ministério da Agricultura, pressionado pela OIE, queria impedir a produção de farinha e gordura animal no Brasil. Foi uma resposta àquela época da febre aftosa, e a alegação era que não se podia fazer farinha para ruminantes. Mas a OIE não falava em esterilização. Aí o Ministério disse: “Só libera se tiver esterilização”. A gente

sabia que era tecnicamente desnecessário. Não existe nenhuma recomendação científica da OIE nesse sentido. Mas o Brasil cedeu porque precisava vender, precisava ter credibilidade, precisava mostrar que fazia diferente. A gente aceitou com um acordo: “Tudo bem, nós vamos fazer a esterilização, mas temos que ter prazo”. O setor não tinha equipamento, o custo era altíssimo. Nós negociamos com o ministro, com governadores, deputados, senadores, com todo mundo envolvido, e conseguimos um prazo para a adaptação.

E quanto tempo levou esse processo de adaptação? Isso foi acontecendo ao longo do tempo. A ABRA cresceu, ganhou força. Mas hoje a OIE já não exige mais esterilização, porque a farinha já passa por um processo térmico que garante segurança. Mesmo assim, o Brasil ainda não retirou a exigência, mesmo tendo decidido por isso. O MAPA já bateu o martelo. O problema é que a decisão não foi colocada em prática. E a cada dia que passa, alguma indústria está tendo que fazer um investimento que não vai mais ser necessário. Então essa decisão precisa ser colocada em prática já.



A exigência de esterilização foi uma demanda sanitária ou de mercado?

Totalmente de mercado. Não teve nenhuma base técnica. Foi pressão para que o Brasil fosse mais restritivo, mais rigoroso, e assim abrisse mercado. Tanto que outros países também tiveram que se adaptar, e hoje já voltaram atrás. A questão é: não dá mais para empurrar isso com a barriga. Tem gente comprando equipamento hoje para atender a uma regra que não vai mais existir.

O fim da exigência traz ganhos econômicos para o setor? Na verdade, não é nem ganho, é evitar prejuízo. Porque um equipamento de esterilização custa milhões. Se a regra acaba, ninguém vai precisar comprar. Se continua, tem que comprar. Então, estamos em um ponto de definição. Ou muda de vez, ou continua onerando todo mundo. Isso é muito sério.

Como está o setor hoje em termos de volume processado? Hoje tratamos mais de 14 milhões de toneladas por ano, sem contar animais mortos nas granjas e confinamentos, que somam mais de 6 milhões

de toneladas. Então estamos falando em 20 milhões de toneladas de resíduos. Tudo isso vira insumo. Vísceras viram farinha de vísceras, pena vira farinha de pena, sangue vira farinha de sangue, gordura vira óleo. Tudo é aproveitado. Até a água dos animais é tratada e devolvida à natureza.

E esses produtos são usados onde?

Parte volta para a nutrição animal – aves, suínos, peixes. Parte vai para cosméticos, indústria química, biodiesel. E uma fatia importante é exportada. Nosso óleo de boi é um dos mais valorizados lá fora. É um setor essencial, estratégico, que traz resultados ambientais, econômicos e sociais.

Como está o desempenho nas exportações?

Em 2024, a meta era exportar 360 mil toneladas. Passamos de 610 mil, ou seja, 70% acima. Em valor, eram 400 milhões de dólares, fechamos em 527 milhões – 32% a

mais. E crescemos no número de empresas exportadoras: de 40 para 50.

Como tem sido a atuação da ABRA no cenário internacional?

Temos uma posição muito ativa. No ano passado, trouxemos 42 países para discutir o setor aqui. Participamos da WRO, do Pro-Brasil, do CNPC, da BPA, da CNL.. Criamos a REAM, que é a Reunião das Américas da Reciclagem Animal. Isso não existe em nenhum outro continente.

E quanto à qualificação da mão de obra?

Esse é um dos trabalhos mais bonitos que temos feito. Criamos uma frente com o SENAI, estamos oferecendo Educação de Jovens e Adultos (EJA) para trabalhadores do setor, inclusive com aulas online. São pessoas que muitas vezes não tiveram chance de estudar e agora estão se formando com apoio das empresas. É uma transformação real, que mostra o impacto social do setor. ■

“ A ABRA CRESCEU, GANHOU FORÇA. MAS HOJE A OIE JÁ NÃO EXIGE MAIS ESTERILIZAÇÃO, PORQUE A FARINHA JÁ PASSA POR UM PROCESSO TÉRMICO QUE GARANTE SEGURANÇA. MESMO ASSIM, O BRASIL AINDA NÃO RETIROU A EXIGÊNCIA, MESMO TENDO DECIDIDO POR ISSO ”

PEDRO BITTAR,
PRESIDENTE DA ABRA





NUTRIÇÃO E MANEJO NO INÍCIO DA VIDA SÃO DETERMINANTES PARA O SUCESSO DO REBANHO

Mas e aí, o Leite ou o Corte? É de extrema relevância compreender que o Beef on Dairy ocorre se, e somente se, o ambiente for confinado - o que ocorre já com os produtores de Leite, assim como algumas propriedades que já desenvolvem o confinamento como atividade fim para desenvolvimento de gado de corte. Os bezerros cruzados de gado de corte com gado leiteiro representam um caminho para os produtores que buscam capitalizar as demandas do mercado por animais de qualidade e otimizar os resultados de desempenho. Dois aspectos fundamentais emergem como a pedra angular para liberar todo o potencial desses animais jovens: nutrição e manejo no início da vida. A maneira como os bezerros são manejados durante os primeiros 2 a 3 meses de vida determina muitos fatores que afetarão o caminho para o crescimento e o desenvolvimento bem-sucedidos. É durante o estágio crítico de pré-desmame que sua jornada começa, quando a saúde intestinal e o sistema imunológico podem ser moldados pelo que eles comem.

Quando os bezerros de corte são alimentados com uma dieta de alta qualidade desde cedo, eles podem crescer mais rapidamente e com maior eficiência. A nutrição no início da vida influencia o desenvolvimento dos músculos e da gordura, fatores importantes para a qualidade da carne que eles produzirão. Ao alimentá-los corretamente desde o nascimento, estamos ajudando-os a ganhar músculos e a desenvolver o marmoreio desejado pelos produtores e procurado pelos consumidores quando tomam suas decisões de compra de carne bovina.

Nos Estados Unidos, quase 90% dos produtores de leite estão considerando ou atualmente criando gado de corte em suas operações - O motivo é claro: esses animais oferecem uma

combinação promissora de características que podem levar a taxas de crescimento ideais e à produção de carne de alta qualidade em comparação com os novilhos convencionais, considerando inclusive a precocidade para a terminação. No entanto, para atingir todo o potencial dos bezerros, é preciso uma abordagem atenta ao seu desenvolvimento. Nessa tônica, destaco quatro passos voltados para criar bezerros saudáveis a fim de maximizar seu desempenho do nascimento ao mercado, dentre elas - **Assegurar a Ingestão adequada do colostro** - este que desempenha um papel crucial no estabelecimento das bases para a saúde e a imunidade do bezerro; **Priorizar o Saneamento e a Higiene** - Um manejo inadequado durante o início da vida expõe os bezerros a bactérias e vírus nocivos, aumentando a probabilidade de doenças como a doença respiratória bovina e outros problemas de saúde recorrentes que impedem o crescimento e o desempenho; **Implementar um Plano de Nutrição Balanceado** - A nutrição na fase inicial da vida desempenha um papel fundamental na maximização do potencial de crescimento dos bezerros de corte e por último, **Alimentar com Leite ou Substituto deste por pelo menos 8 semanas** - Ao alimentar com leite ou substituto deste por um mínimo de oito semanas, os bezerros têm tempo suficiente para fazer a transição de uma dieta à base de leite para uma alimentação sólida.

A jornada de criação de bezerros Beef on Dairy exige dedicação, conhecimento e uma abordagem holística para o cuidado com os bezerros, no entanto abre uma vertente de desenvolvimento que preenche lacunas no ciclo da pecuária de forma altamente rentável. Acompanhe aqui e saiba como aumentar sua rentabilidade em sua propriedade! ■



Reginaldo Ferreira Rocha

é consultor empresarial, palestrante, especialista em Beef on Dairy, Regularização e Gestão Fundiária pela Ecco2 Gestão de Negócios

Há mais de 30 anos sendo referência no controle de Salmonella



Entrega segura,
transporte
certificado



Equipamentos
de aplicação e
validação analítica



Serviços técnicos
personalizados
e treinamentos



Controle
microbiológico
comprovado



admnutricaoanimal.com.br

[@admpremixeaditivos](https://www.instagram.com/admpremixeaditivos)



ALAGOAS

PERNAMBUCO

SERGIPE

NORDESTE: QUE PECUÁRIA DE CORTE É ESSA?

APÓS CRESCER 30% EM CINCO ANOS, BOVINOCULTURA DE CORTE NORDESTINA COMEÇA A SER MAPEADA. EXPEDIÇÃO, EM SUA PRIMEIRA ETAPA, APONTA EXPANSÃO TECNOLÓGICA E ESTRUTURAL, PORÉM COM NÚMEROS OSCILANTES

ARIOSTO MESQUITA, DE MACEIÓ (AL)

Especial para a Feed&Food

Berço da história do País, de algumas das principais cadeias produtivas e porta de entrada da bovinocultura (historiadores defendem que os primeiros bovinos chegaram pela Bahia, no século XVI), o Nordeste está introduzindo tecnologia e novas ferramentas de manejo na cadeia produtiva da carne. Dessa forma busca a intensificação para afastar o fantasma do seu histórico risco climático e se qualificar como ampla fronteira da pecuária brasileira. Diante de um crescimento de 30% em seu rebanho bovino nos últimos cinco anos (atingindo 28,48 milhões de animais - IBGE/2024), se tornou urgente medir para compreender que pecuária é essa e projetar avanços.

Inspirada em caravanas técnicas que fazem, em maior ou menor grau, esta radiografia (e levam conhecimento) há algum tempo no centro-sul (Rally da Pecuária, Caravana ILPF, Conфина Brasil, Acrimat em Ação, etc.), a Expedição Encorte iniciou este ano o mapeamento da bovinocultura de corte do Nordeste. A primeira etapa, com visitas técnicas a 122 fazendas entre 28 de abril e 13 de maio, ficou restrita a Sergipe, Alagoas e sul de Pernambuco. Para 2026 a organização prevê que se amplie a outros estados da região.

A área mapeada em 2025 está, em grande parte, dentro da SEALBA

- organização territorial com termo cunhado a partir das siglas dos estados de Sergipe, Alagoas e Bahia e é considerada homogênea no aspecto de clima, relevo, atividades produtivas, solo, integração econômica e populacional. De acordo com a organização, a Zona da Mata Sul de Pernambuco entrou no estudo por sua semelhança (geográfica e pecuária) com Alagoas.

Alguns números divulgados carregam, pelo menos em uma primeira leitura, uma carga bem positiva. É o caso da adoção de calendário sanitário (92,4% das fazendas) e da utilização regular da suplementação mineral (79,8% das propriedades visitadas). Outros dados indicam margem para evolução, como a IATF - reprodução por inseminação artificial em tempo fixo (técnica utilizada em 62,3% dos rebanhos amostrados) e a qualificação da equipe (apenas 16% das fazendas informaram ter plano de capacitação). O nível de confiança nos resultados, segundo a organização, é de 90%

A amostra de 122 fazendas (41,5% de recria/engorda; 39% de cria; e 19,5% de ciclo completo) representa um universo de 1,5 milhão de hectares (ha) de pastagens, rebanho de 2,063 milhões de bovinos (dos quais 1,713 milhão tem aptidão para corte) e 82 mil propriedades rurais - dados IBGE 2024 - a partir do Censo Agropecuário. Desse total, 5.507 fazendas possuem mais de 50 hectares (ha) e sobre este grupo foi estabelecido o plano amostral, cuja área média por propriedade visitada foi de 507,4 ha.

A adesão dos produtores foi voluntária. Em um primeiro momento, eles próprios ou seus administradores, responderam a um questionário. Posteriormente receberam a visita de uma equipe da expedição. Ao final, a cada um foi enviada cópia do relatório de desempenho de sua propriedade, permitindo a comparação de seus indicadores com a média pesquisada. Pela participação, todos receberam uma placa de madeira (pinus, em baixo relevo) atestando sua colaboração.

A iniciativa dessa missão técnica veio no embalo de sete anos do Encorte, seminário de conteúdo pecuário realizado anualmente em Maceió (AL) autodenominado “maior encontro de pecuária de corte do Nordeste”, agora rebatizado “Expedição Encorte” a partir de sua oitava edição, ultrapassando as fronteiras alagoanas. O encontro presencial (somente durante a pandemia de Covid foi realizado virtualmente) permanece firme e finaliza a expedição. Em 2025, este workshop aconteceu nos dias 16 e 17 de maio, no Centro de Convenções Ruth Cardoso, e serviu de palco para a apresentação dos primeiros números deste mapeamento.

À frente desta empreitada está o médico veterinário e empresário Marcelo Araújo, um inquieto e jovem amante da pecuária que, aos 38 anos, reuniu uma equipe e botou o pé na estrada com a chancela de sua consultoria, a Start Soluções no Agronegócio. Mais do que isso, atraiu parceiros na área técnica e ►



de logística que viabilizaram esta missão. Exemplos são a Pastoreio de Precisão (responsável pelo levantamento de cobertura forrageiras via satélite) e a Mitsubishi (cedeu oito veículos que rodaram 30.000 quilômetros com as equipes pelos três estados). Marcou ainda a primeira grande ação conjunta entre a Start e a Rehagro, conceituada empresa mineira de consultoria e qualificação, que atende perto de 400 fazendas pelo Brasil. A aliança estratégica foi firmada no último mês de janeiro, abrindo as portas para trabalhos compartilhados entre as duas equipes.

Além de conhecimento técnico, Araújo é dono de um forte senso estratégico para a promoção de suas ações. No dia 14 de maio organizou um “desfile” dos veículos utilizados na expedição pela orla praiana de Maceió, bem no início da manhã (entre 5h30 e 6h30), despertando a curiosidade de banhistas madrugadores e dos praticantes de exercícios matinais. “É a carne e a praia. Precisamos aproximar o campo do urbano”, comentava. Na abertura do workshop, dia 16 de maio, surpreendeu um público de mais de 750 pessoas, ao entrar no auditório dirigindo uma das caminhonetes, estacionando o veículo bem ao lado do palco sob luzes estroboscópicas, em uma performance digna de superstar.

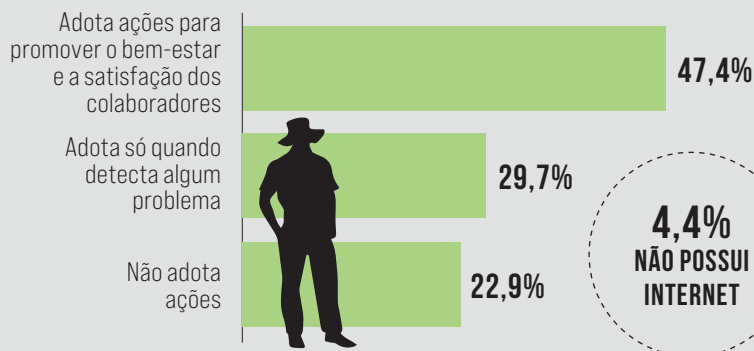
VÁRIAS LEITURAS

A expedição buscou levantar informações nas propriedades em relação a cinco pilares: pastagem, rebanho, gestão, bem-estar animal e sustentabilidade. Outro objetivo foi buscar entender as diferenças de interação na cadeia produtiva entre os elos de produção pecuária e industrialização da carne. Muitos números podem gerar leituras diferentes, dependendo do ponto de vista. Exemplo disso é o índice de 4,4% de fazendas que não têm acesso à Internet. Considerando as 122 fazendas visitadas, isso significaria apenas cinco propriedades.

O problema é que, estatisticamente, esta amostra representa um universo de 82 mil propriedades, ou seja, com base nesse recorte, 3.608 fazendas estariam hoje isoladas digitalmente em uma região que, segundo a organização, movimentava R\$ 4,8 bilhões/ano e que soma 400

EXPEDIÇÃO JUNTO À ÁREA DE PASTEJO ROTACIONADO FERTIRRIGADO NA FAZENDA JAQUEIRA

■ BEM-ESTAR E SATISFAÇÃO DOS COLABORADORES



■ GARGALOS E POTENCIAIS

Gargalos

Mão de obra
Pouca oferta e muita pouca capacitação

Metas e Controles
Pouca anotação e muito pouca análise

Escala de produção
Propriedade porte pequeno, exige ter maior eficiência produtiva

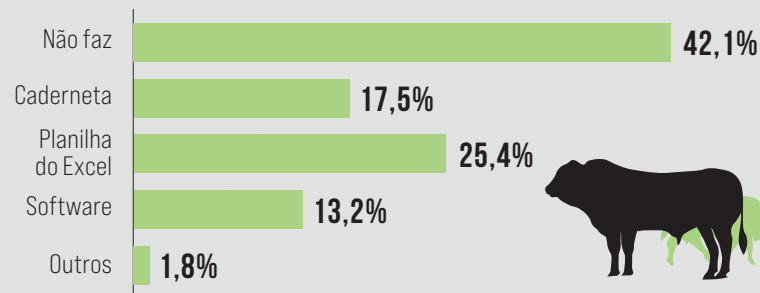
Oportunidades

Crescimento do rebanho
Propriedades apresentam oportunidade de expansão, utilizando práticas de manejo de pasto e estratégia nutricionais, aumentando a lotação

Mercado em expansão
Necessidade de aumentar a oferta de carne bovina, tanto no Brasil quanto no Mundo

Cadeia produtiva
Com a profissionalização da cadeia produtiva, e diminuição do abate informal, promove mais adoção de técnicas que aumentam os resultados financeiros das propriedades

■ FERRAMENTA UTILIZADA PARA CONTROLAR A PRODUÇÃO



mil famílias envolvidas na produção de alimentos. “A fatia de 4,4% é pequena, mas representativa”, observa o engenheiro agrônomo André Sório, sócio da Pastoreio de Precisão.

No entanto, para ele este resultado também denota eficiente cobertu-

ra digital graças a uma concentração maior de municípios: “Como existem mais cidades próximas das fazendas em relação à uma realidade do Centro-Oeste, por exemplo, os sinais alcançam uma área maior no campo uma vez que praticamente toda sede

de município tem uma antena de celular. Mas quem ainda está neste isolamento digital tem de tomar uma providência urgente. Não há como produzir dentro da demanda do século XXI com uma comunicação do século XX”.

No pilar “Pastagens”, a área média de pastos por fazenda foi de 343,5 ha, enquanto o tamanho médio das terras cercadas ficou em 11,6 ha. No levantamento sobre cobertura de pastagem, 30% das propriedades apresentaram uma condição “escassa”, 42% “preocupante”, 22% “boa” e 12% “muito boa”. A equipe de “Pastoreio de Precisão” observa que os dados foram colhidos entre abril e maio, final do período seco na região, quando a oferta forrageira tende a ser mais baixa.

O levantamento sobre rebanho revelou a seguinte totalização entre as fazendas visitadas: bovinos (52.381 cabeças); equinos/muares (1.438 cabeças) e área utilizada com pastagens (40.533 ha). Enquanto isso, a taxa de lotação média ficou em 0,92 ua (unidade animal)/ha, “praticamente empatada com a média brasileira divulgada pela Beef Report 2024/ABIEC, de 0,93 ua/ha”, observa Marcelo Araújo. Esta lotação indica que cada hectare de terra abriga menos de 450 kg de peso vivo animal (bovino). Enquanto isso, a fatia de 25% das propriedades avaliadas consideradas “superiores” neste quesito, carrega lotação média de 1,32 ua/ha.

A expedição reservou algumas questões para a mensuração dos aspectos de bem-estar animal e sustentabilidade. Com relação a sombreamento (arborização) para animais, por exemplo, 42,4% afirmaram possuir em condição suficiente, enquanto 50,8% alegaram oferecer sombra disseram possuir reserva legal e 79,3% declararam proteger suas nascentes.

No aspecto de gestão, o questionário aplicado procurou levantar o perfil das propriedades quanto ao uso de orientações técnicas (de profissionais e/ou consultorias). Do total, 42,4% afirmaram possuir integralmente; 32,2% informaram contratar eventualmente, diante de uma emergência, e 25,4% disseram não possuir.

Quando indagados sobre que ferramentas utilizam para fazer o controle de produção, 25,4% declararam usar a planilha do Excel; 17,5% ainda optam pelas anotações em ca-



VEÍCULOS DA EXPEDIÇÃO ENCORTE DESFILANDO PELA ORLA DE MACEIÓ



ternos e cadernetas; 13,2% usam softwares e 1,8% informaram usar “outras”. O que chamou a atenção foi que a maior fatia (42,1%) foi de produtores declarando não fazer qualquer controle da produção.

“É bastante preocupante que mais de um terço não faça qualquer tipo de controle, mas os números também apontam para uma crescente demanda pelo uso de softwares especializados. Creio que há uma limitação por não serem tão simples de operar para uma boa parte da gente do campo. Percebemos que estas plataformas de gestão são mais adotadas pelas fazendas maiores, que via de regra têm equipes mais robustas. Já uma planilha como Excel é simples e agiliza muito a análise de dados”, avalia André Sório, da Pastoreio de Precisão.

No relatório final, em processo de consolidação, a organização preten-

de aprofundar ainda mais as avaliações da primeira etapa do mapeamento da pecuária nordestina. “Vamos fazer, por exemplo, uma comparação da cobertura forrageira por tamanho de área de pastagem por estados e também entre modelos produtivos: cria, recria/engorda e ciclo completo. Estaremos pontuando isso por disponibilidade de pasto: Até 100 ha; de 100 a 300 ha e mais de 300 ha”, avisa Sório.

Para Marcelo Araújo, as visitas técnicas presenciais nas propriedades ajudaram a ajustar dados: “Alguns produtores responderam jogando números lá pra cima; outros reconheciam que ainda precisavam avançar muito. Como o questionário é auto-declaratório, por vezes as respostas não correspondiam à realidade. Visitamos, por exemplo, uma fazenda em que o gerente informou não oferecer treinamento aos colaborado- ▶



res. Quando chegamos lá, percebemos que havia qualificação da mão-de-obra. Nosso objetivo não é julgar quem é bom ou ruim. Queremos ajudar o produtor a conhecer mais do seu negócio, que tenha dados e possa comparar seu desempenho. Diagnosticar a pecuária de corte de uma região é o primeiro passo para mudança e evolução. Para que a gente possa melhorar, precisamos medir”.

SINAIS ESTIMULANTES

Cooperativas, frigoríficos, irrigação, pastejo rotacionado e confinamentos. Palavras, elos da cadeia e ferramentas comuns na bovinocultura de corte no Sul e no Brasil Central, também estão se proliferando por diversos pontos nordestinos. Considerando apenas o estado de Alagoas, levantamento do Banco do Nordeste, divulgado este ano, indica que em 2024 a instituição liberou financiamentos da ordem de R\$ 935 milhões ao setor rural. Somente a bovinocultura de corte alagoana ficou com R\$ 300 milhões, crescimento de 32% em relação aos créditos firmados em 2023.

De acordo com Marcelo Araújo, um dos projetos financiados recentemente pela instituição se refere a um confinamento com capacidade para terminação de 12 mil bovinos/ano, instalado em Delmiro Gouveia, na divisa de Alagoas com a Bahia. Outra estrutura para a intensificação da terminação bovina foi criada em Coruripe (87 km ao sul de Maceió). “A Cooperativa Pindorama, que dentre outras atividades produz etanol a partir de sorgo e milho, começou a operar recentemente o ‘Hotel do Boi’, modelo inédito por aqui. Trata-se de um boitel, estrutura que trabalha em parceria com os pecuaristas, com ganhos divididos. Eu mesmo ajudei a desenhar o projeto do confinamento que terá capacidade total para 20.000 animais” revela. No cocho, a base da alimentação, segundo ele, é o WDG (wet distillers grains - grãos úmidos de destilaria), um coproduto do etanol de cereais.

Ainda em Alagoas, desta vez na

MAIS DE 750 PESSOAS SE INSCREVERAM E LOTARAM O AUDITÓRIO DURANTE O WORKSHOP

MARCELO ARAÚJO:
“PARA QUE A GENTE POSSA MELHORAR, PRECISAMOS MEDIR”



capital, chamam atenção duas cooperativas pecuárias (coisa ainda rara no Brasil Central). A Cooperboi (Cooperativa do Agronegócio do Boi) foi criada em 2008. “Seu foco é viabilizar insumos de forma mais acessível aos cooperados. Possui fábrica de ração, faz compra coletiva e parcerias com lojas”, explica Araújo.

Em 2016, cinco famílias de pecuaristas resolveram verticalizar a sua produção e apostaram na comercialização da carne. Surgiu a “Boi de Engenho”, cooperativa com o conceito da *fazenda à mesa* e oferecendo carne premium. “Ela trabalha com novilhas e animais ½ sangue Angus/Nelore, contando com sala de desossa própria, marca e embalagem. Processa e comercializa carne de animais próprios e de compra. Chega a pagar até 18% de bonificação sobre o preço de mercado da arroba”, revela.



ANDRÉ SÓRIO:
“NO RELATÓRIO FINAL, TEREMOS COMPARATIVOS DE COBERTURA FORRAGEIRA POR TAMANHO DE ÁREA E MODELOS PRODUTIVOS”

Fundamental para a fluidez da cadeia produtiva da carne bovina na região, a pernambucana Masterboi (que tem indústrias em Nova Olinda (TO) e em São

Geraldo do Araguaia (PA)), inaugurou a sua mais recente unidade em Canhotinho (PE) - 205 km ao sul de Recife - em agosto de 2022. “Certamente é o maior frigorífico que existe entre Sergipe e Ceará, com estrutura atual para abater 700 animais/dia. Ainda em 2025 deve aumentar sua capacidade para 1.000 animais/dia e já está habilitado para comercializar com alguns países. Em breve estará recebendo o boi chinês”, avisa, se referindo ao padrão de carne bovina exigido pelo mercado chinês: de animal jovem, com até 30 meses de idade, saudável e rastreado.

TRÊS ESTADOS SURGEM COTADOS PARA A PRÓXIMA ETAPA

OS DIAS imediatamente seguintes à Expedição Encorte 2025, encerrada com feira e workshop nas datas de 16 e 17 de maio, em Maceió, foram marcados por muita repercussão, contatos e sinalizações. Uma delas é quanto à etapa 2026 do giro rodoviário que promete dar sequência ao mapeamento das propriedades de pecuária de corte no Nordeste.

Por enquanto, Marcelo Araújo não crava e nem adianta nada a este respeito, mas em contato com a **Feed&Food** deixou escapar: “Na primeira semana após o evento recebemos diversas ligações e mensagens de produtores do Rio Grande do Norte, Paraíba e do norte de Pernambuco, todos interessados em participar de outra etapa deste *raio-x* da nossa bovinocultura de corte”

As atividades a campo, na orla praiana, e dentro do Centro de Convenções da capital alagoana, ganharam, segundo ele, dimensões significativas: “Conseguimos muito destaque na imprensa dos três estados envolvidos nesta etapa, além de uma intensa movimentação nas redes sociais. Preciso registrar ainda o quanto foi importante a parceria com a **Feed&Food**, que

realizou uma cobertura fantástica”, reconhece.

Até o final do fechamento desta edição, a organização ainda trabalhava no levantamento dos negócios realizados durante a Expedição Encorte. Araújo não tinha

projeções a fazer, mas observou o retorno imediato obtido por um dos parceiros da caravana: “A Mitsubishi, que nos cedeu oito veículos para as visitas às fazendas, comercializou 46 automóveis a partir de nosso evento, sendo 44 caminhonetes Nova Triton”.

FEIRA E PAINÉIS TÉCNICOS. A feira de pecuária, com 25 estantes, além de bastante movimentada, foi palco para um churrasco, no dia 16, oferecido aos participantes pela marca de carnes Dom Grill, de Maceió. O público também lotou o auditório para acompanhar a programação do workshop, dividida em três painéis distintos: “Mercado” e “Produtividade” no dia 16 e “Gestão”, dia 17.

Após a abertura oficial a programação trouxe de cara um assunto que geralmente é ‘devorado’ pelo pecuarista: o preço da carne no mercado. Na apresentação “O ciclo virou? O boi chega a R\$ 400/@?”, o professor da ESALQ-USP e pesquisador CEPEA (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), Thiago Bernardino, sinalizou que “uma arroba bovina a R\$ 360 é factível”, mas não descartou voos mais altos: “Se a Coreia e outros países abrirem mercado e vierem com força para o consumo de nossa carne, o preço da arroba pode bater em R\$ 450”.

Após esta largada carregada de otimismo, a programação seguiu o nível lá em cima com painéis com o produtor em Mato Grosso do Sul, João Teles (Foco na produtividade e qualidade, um perca-

do lucrativo a ser atendido); o pecuarista Artur Toledo (Negociar é ganhar: estratégias de compra e venda para pecuaristas de sucesso); a professora Janaina Martuscello (novos capins: estamos na era dos híbridos?) e o engenheiro agrônomo André Sório (Manejando pastagens utilizando imagens e dados de satélite).

Antecedendo uma mesa redonda, a pecuarista Carol Souza, proprietária da Fazenda Mata de São João, no semiárido sergipano, emocionou o público ao contar sua história que mistura dificuldade, motivação e superação ao desafiar do maior fantasma da região: a seca extrema. De um início de pecuária tradicional, com baixíssimo investimento, sua propriedade foi transformada e hoje se tornou referência para muita gente, tanto é que em 2024 figurou na 33ª posição no benchmarking do Instituto Inttegra, na categoria “cria”. “Meus funcionários nunca tinham visto cerca elétrica; a primeira vez que a água chegou aos bebedouros, foi uma festa na fazenda”, conta.

O painel Gestão, no dia 17, priorizou exemplos pessoais, relatos motivadores e experiências práticas. Na programação o zootecnista Ricardo Arantes (Liderança Transformacional no Agronegócio) e o professor Mauro Rossales (Ferramentas que trazem harmonia na relação família e negócio na atividade rural) abriram a rodada. Três pessoas de uma mesma família - Jayme Carneio Júnior e as filhas Gabriela e Isabela Carvalho Freire - deram sequência relatando a experiência de sucessão na Sabalanga Agronegócios, de Viçosa (AL). Fechando a programação, o carismático Miguel Cavalcante (Agro Talento) falou sobre “Os três pilares da gestão lucrativa de fazendas em 2025” e seguiu o público até o final, mesmo com os relógios já caminhando para a metade de uma tarde chuvosa de sábado. ▶

FEIRA DE PECUÁRIA LEVOU MUITA GENTE AO CENTRO DE CONVENÇÕES DE MACEÍO





CASE 1

FAZENDA INJETA TECNOLOGIA E FAZ HISTÓRIA EM PERNAMBUCO

ARIOSTO MESQUITA, DE JAQUEIRA (PE)

Especial para a Feed&Food



QUANTO mais você se aproxima do município de Jaqueira (PE), pela rodovia PE-126, mais se tem a sensação de estar percorrendo alguma estrada no sul de Minas Gerais. As semelhanças geográficas são grandes, sobretudo nos percursos sinuosos, cortando montanhas e mergulhando em vales. Nesse cenário da Zona da Mata Sul de Pernambuco está inserida uma propriedade com o mesmo nome do município. A Fazenda Jaqueira, com seus 4.760 ha, foi uma das participantes da Expedição Encorte (visitada no dia 13 de maio, com acompanhamento da **Feed&Food**) e, certamente, ajudou a subir a régua do mapeamento pecuário.

Diante de terrenos bastante acidentados e contando com apenas 23% de área apta à mecanização, o atual proprietário da fazenda (adquirida em 2018 pelo empresário Guilherme Maranhão) delegou ao gerente **Alison Manoel da Silva**, a responsabilidade em estruturar uma atividade rentável adaptada a esta condição. Logo ele percebeu que não seria cana-de-açúcar: “Com o fechamento de usinas, os melhores profissionais foram embora para o sul”. Diante do relevo, a opção pela pecuária de corte também parecia improvável e, sobretudo em se tratando de ciclo completo. Pois foi justamente essa a aposta.

Começou, é verdade, com um modelo de cria, vendendo a bezerrada macho no aparte e segurando as fêmeas aptas para reposição. Em 2024, Silva virou a chave para cria, recria e engorda graças à adoção de modelos tecnológicos e uso de ferramentas de manejo e integração. Também investiu em outras frentes para viabilizar um projeto lucrativo, incluindo a entrada de outro componente produtivo na Jaqueira: a árvore, integrada com o pasto, modelo conhecido como integração pecuária-

-floresta (IPF). “Nós somos a primeira fazenda do estado de Pernambuco a registrar uma área silvipastoril. Começamos a plantar em 2021. Hoje temos 600 ha de pasto com floresta”, comemora.

O modelo utiliza renques de linha simples com espaçamento de três metros entre as árvores e ruas (para pastejo) de 16 metros entre renques semeadas com braquiárias (Decumbens e Xaraés). “Antes, as contas não estavam fechando. Buscamos apoio da Embrapa e percebemos que a melhor árvore para se plantar como investimento era o eucalipto, mas não para celulose ou energia. Faremos nossa primeira colheita em 2031 numa área de 120 ha e iremos beneficiar esta madeira em uma serraria própria, dentro da fazenda, e com valor agregado. Tudo isso sem contar o que ganhamos em bem-estar, produtividade e saúde animal, além do aspecto de sustentabilidade ambiental”, garante.

De uma forma geral, a madeira obtida de eucaliptos colhidos aos 10 anos de vida pode ser usada na construção civil, na produção de móveis, tábuas, ripas, painéis, etc.

A Fazenda Jaqueira conta com uma consultoria específica para pastagem e fertilidade de solo procurando “tratar o pasto como lavoura”. Em 2024 fez correções com calcário (média de 2/t/ha) e passou a utilizar, em 200 ha, o biofertilizante Microgeo, uma espécie de adubo biológico que condiciona as propriedades gerais do solo. “Para isso pedi o acompanhamento da Universidade Federal de Pernambuco, que promove testes científicos de adubação e fertilidade em parcelas específicas na fazenda”, observa.



Mas o grande “xodó” do gerente da propriedade é o “rotacionado fertilirrigado”, implantado em uma área de apenas oito hectares, mas já em processo de expansão. Em um mesmo espaço e estrutura, ele usa da técnica do pastejo rotacionado turbinado pela irrigação (por aspersores) e fertilização injetada no sistema hidráulico. O rotacionado, por sua vez, é uma técnica de manejo que une diversos pastos (ou piquetes) em que cada um é submetido a períodos alternados de uso pelos animais e descanso.

“Neste espaço, onde usamos o capim Paredão, estamos rodando animais de terminação desde janeiro, com as seguintes médias: lotação de 6 ua/ha, suplementação de 0,3% do peso vivo (pv) e obtendo um ganho diário (GMD) de 1,2 kg. Após a recria, o animal macho chega no rotacionado com peso médio de 14,5@ e sai com até 19@”, revela. Silva chama a atenção para o custo de produção da arroba do macho Nelore dentro deste sistema: “No final de maio foi de R\$ 178. É bom lembrar que o frigorífico Masterboi nesta mesma época estava remunerando a arroba na casa de R\$ 300”.

Estes primeiros resultados indicam, de acordo com o gestor, que este conjunto tecnológico atende a demanda da propriedade, uma vez que sendo área irrigada e fertilizada, não faltará forragem durante os meses secos. “Diante dos números, já compramos material para implantar mais oito hectares e tomamos a decisão de instalar mais 30 ha, ou seja, pretendemos fechar o ano com 46 ha de rotacionado fertilirrigado”, projeta. Este avanço demanda investimento. De



acordo com o gestor, somente o custo da fertirrigação (irrigação + injeção do adubo no sistema) é de R\$ 12 mil/ha.

RENTABILIDADE. Prestes a terminar o primeiro lote de animais machos no modelo de ciclo completo, Silva espera conseguir uma rentabilidade acima da margem de 17% (relação entre custo de produção e valor pago pela arroba) obtida com a terminação de fêmeas (nesse caso, novilhas e vacas de descarte, que deixaram de ter desempenho reprodutivo). “Oferecendo condições ao solo, ao pasto e ao animal, o resultado financeiro vem”, orienta.

Mas nem tudo foi ‘bola dentro’ nas tentativas de se ajustar ferramentas ao perfil produtivo. “Fizemos uma experiência com sequestro de animais de recria e os resultados não foram bons no aspecto de custo da arroba produzida. Alguns lotes só empataram”, avisa. Silva se refere à técnica, também conhecida como “resgate”, que retira temporariamente animais da pastagem levando-os para um ambiente confinado, com o objetivo de recuperar a condição do pasto e garantir uma nutrição adequada aos bovinos. “Mesmo no rotacionado, apanhamos um pouco com questões de instalações, bombeamento e parte elétrica”, admite.

O idealizador da Expedição, Marcelo Araújo, liderou esta visita técnica e elogiou a postura da propriedade no aspecto de adaptação e uso de ferramentas: “A Fazenda Jaqueira faz testes tecnológicos antes de apostar alto. Experimentou oito hectares de rotacionado fertirrigado e agora vai elevar a área para 46 ha; fez o mesmo em 200 ha com biofertilizante e agora pretende ampliar. Isso me chama muito a atenção. Primeiro testa, depois avalia e só depois replica o que foi aprovado. É um bom caminho para o sucesso”.

CASE 2

O DESAFIO DA SUCESSÃO

ARIOSTO MESQUITA, DE UNIÃO DOS PALMARES (AL)

Especial para a Feed&Food

EM ALAGOAS, distante 92 km ao norte da capital, Maceió, a Fazenda Sueca, de 350 ha, localizada no icônico município de União dos Palmares (berço de ‘Zumbi dos Palmares’), foi a última das 122 visitadas pela Expedição Encorte. Nela, onde se tem atividade de corte (cria) e leiteira, foi possível constatar como uma repentina necessidade de ajuste de gestão, diante de um dolorido processo sucessório, pode balançar as estruturas produtivas.

O atual proprietário, **Geraldo Machado Vergetti de Siqueira** (conhecido como Geraldinho), convive nitidamente com dois tipos de pressão: uma emocional, pela perda do seu pai, José Geraldo Vergetti, falecido em março de 2024, aos 89 anos; outra econômica, pois desde então as contas ainda não se equilibraram.

“Ele foi um cara que nasceu na propriedade, foi médico e dedicou boa parte de sua vida às suas terras. Não se preocupava em ter carro novo ou viajar pelo mundo. Em resumo: o que ele ganhava, colocava na propriedade. Era aposentado e tinha dois salários. Por vezes injetava algo entre R\$ 30 a R\$ 40 mil/mês. De repente isso acaba. E agora?”, relata Geraldinho na forma de interrogação que ele mesmo faz questão de responder: “Não tive alternativa a não ser reduzir a folha. Tenho duas irmãs que estão ajudando, mas estou tentando me ajustar a esta nova realidade. Na verdade, ainda não me equilibrei”, confessa.

Nos 350 ha Geraldinho, mantém um rebanho de leite (180 animais) e tenta tocar sua produção de bezerros de corte (320 vacas e crias) da melhor forma possível, ainda em um modelo extensivo, de baixa tecnificação, “dentro do que os recursos permitem”. Admite que prioriza a atividade leiteira por lhe assegurar um fluxo de recursos a cada dia. No entanto, em função das dificuldades alegadas e apesar de “anotar o que sai e o que en-

tra”, diz que ainda não consegue avaliar a parte financeira do negócio, quer no leite ou no corte, ou seja, não tem certeza se está no azul ou no vermelho.

Atualmente, o produtor mantém na equipe (corte e leite) seis colaboradores. Mesmo com as dificuldades, vem conseguindo até alguns avanços na proteção de nascentes e na arborização além de trabalhar com IATF, *creep feeding* (estratégia de alimentação para bezerros pré-desmame, em cochos restritos, sem acesso das mães), suplementação mineral, identificação animal (com brincos visuais no leite e ferro no corte) e cercas convencionais e elétricas, em que pese boa parte disso concentrada no ‘leite’. Também conta com uma boa variedade de forrageiras (Decumbens, Pangola, Mombaça, Tangola e Humidícula).

Por outro lado, não possui estação de monta (insemina ao longo do ano), não faz medição por georreferenciamento, não realiza pesagem periódica para avaliação de desempenho e, portanto, tem enorme dificuldade para mensurar dados zootécnicos.

No corte, a idade média dos bezerros comercializados (com pecuaristas da região) é, segundo ele, de sete meses com peso médio em seis arrobas (@). As fêmeas se tornam descarte a partir dos 36 meses de idade quando deixam de funcionar na reprodução. São abatidas com peso médio de carcaça em 13@.

Para Geraldinho, seus maiores desafios na propriedade são o controle financeiro, o cálculo de custo de produção e a sucessão familiar. Mesmo diante de todas as barreiras, o produtor dá sinais de força, dedicação e disposição em avançar. Isso fica nítido ao contar que pelo menos 20% de suas terras (aproximadamente 70 ha) estão totalmente degradadas: “Tenho muita vontade em dar a volta por cima e vou trabalhar para recuperar tudo isso”. ■





UMA NOVA PERSPECTIVA: DO ‘TALHÃO’ AO ‘TALHER’

É evidente que o debate sobre sustentabilidade na produção dos gêneros agropecuários vem se intensificando, motivado por pressões regulatórias e/ou exigências de mercado e, sobretudo, pela necessidade de mitigar as mudanças climáticas globais.

A soja e outros insumos (café, cacau, madeira, borracha, carne bovina, etc.) foram posicionados no epicentro dessas narrativas, por conta do enviesado juízo dos protecionistas e dos ambientalistas mais radicais, à exemplo da Lei de Desmatamento da União Europeia/EUDR, que enquadrou o Brasil como país fornecedor de “risco médio”, considerando diversos fatores, dentre os quais, a conversão de florestas e pastagens em terras cultiváveis, o nível de expansão de terras agrícolas, o uso de fertilizantes nitrogenados e de combustíveis fósseis.

No caso dos produtos animais, a medida da pegada de carbono costuma mirar nas emissões diretas dos alojamentos/confinamentos, transporte e processo, sendo que boa parte das emissões está vinculada à oleaginosa mencionada anteriormente. A regionalização e a precisão da metodologia de cálculo aplicada são determinantes para desmistificação e mensuração do real impacto sobre a cadeia produtiva das proteínas animais, já que o farelo de soja (extrato sólido resultante da extração do óleo) é bastante utilizado na alimentação de aves, suínos e ruminantes.

À propósito, a Embrapa conta com ferramenta (denominada *Brazilian Land Use Change/BRLUC*) que estima as emissões provenientes da mudança do uso da terra e que é capaz de diferenciar claramente os impactos da conversão de florestas (altos esto-

ques de carbono) das áreas de pastagem degradada (estoques menores).

Esse robusto inventário com acurada geolocalização permitiu que outra plataforma automatizasse o cálculo das emissões, a rastreabilidade e o monitoramento ambiental, desde a produção (talhão) até o consumidor final (talher) e integrasse dados em tempo real sobre uso da terra e cadeias de valor, concluindo que dependendo do município de origem, a pegada de carbono pode variar de menos de 0,1kg até mais de 18kg Co2 equivalente/quilo de soja produzida.

Além disso, a substituição das estimativas genéricas (*World Food Life Cycle Assessment Database/WFLDB*) por dados refinados (*Brazilian Land Use Change/BRLUC*) revelou que a pegada de carbono associada à soja brasileira utilizada na produção do frango produzido e consumido em determinada região europeia diminuiu cerca de 35%.

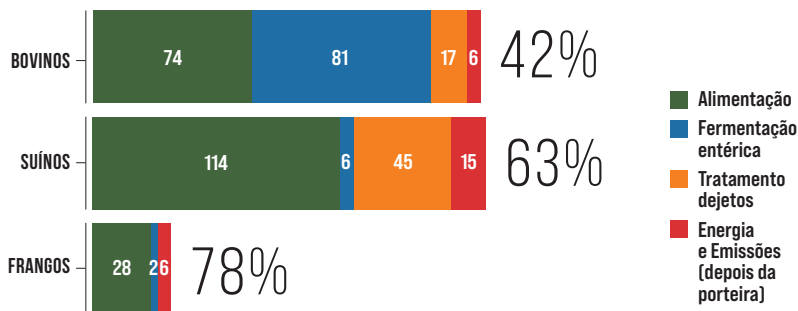
O surpreendente achado serviu para evidenciar uma realidade menos impactante do que sugerem os

bancos de dados tradicionais e, sobretudo, reforçar a importância de considerar a pegada de carbono incorporada ao longo da cadeia global e não apenas as emissões diretas associadas ao sistema produtivo local.

O *Greenhouse Gas Protocol/GHG* exige que as conversões de áreas de cerrado e pastagens sejam contabilizadas, contudo, a percepção é que a determinação venha sendo negligenciada nas avaliações tradicionais, apesar das suas indispensáveis contribuições em razão do sequestro de carbono. Portanto, integrá-las nas análises da pegada de carbono é fundamental para refletir com maior precisão o real impacto ambiental.

A soja estabelece um elo estratégico que conecta o campo (talhão) ao consumidor (talher). Medir, compreender e gerenciar sua pegada de carbono com rigor e responsabilidade é imperativo para garantir a competitividade do Brasil e sua colaboração efetiva para um sistema alimentar sustentável e de baixo impacto ambiental. ■

EMISSÕES TOTAIS DE GEE RELACIONADAS À PRODUÇÃO DE CARNES (MILHÕES TONS CO2-EQUIVALENTE)



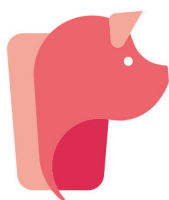
Fonte: FAO; European Commission, 2023, Adaptado IIFE/International Feed Industry Federation



Garanta o seu lugar no Simpósio Brasil Sul de Suinocultura!

Será nos dias **12, 13 e 14 de agosto**, no Centro de Cultura e Eventos Plínio Arlindo De Nes, em Chapecó/SC.

Faça sua inscrição e aproveite o melhor preço.



17º SIMPÓSIO
BRASIL SUL DE
SUINOCULTURA
16ª BRASIL SUL
PIG FAIR



NUCLEOVET
Núcleo Oeste de Médicos Veterinários e Zootecnistas/SC



PRONTIDÃO, COORDENAÇÃO E TRANSPARÊNCIA

ABPA ATIVA PLANO DE AÇÃO ESTRATÉGICO PARA ENFRENTAMENTO DA INFLUENZA AVIÁRIA

Há pouco mais de duas semanas, o Brasil registrava o primeiro foco de Influenza Aviária H5N1 em uma granja comercial. O episódio, embora isolado, mobilizou uma das respostas mais rápidas e articuladas já vistas na cadeia de proteína animal brasileira. A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), que representa o setor avícola e suínico nacional, liderou ao lado das autoridades públicas um plano de enfrentamento construído ao longo de mais de uma década.

A ocorrência do caso foi identificada em uma granja de matrizes localizada no município de Montenegro (RS). Desde os primeiros sinais, a atuação coordenada entre o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), a Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, a ABPA, a ASGAV e as empresas do setor possibilitou uma resposta imediata, pautada por medidas sanitárias rigorosas e transparência na comunicação.

“A surpresa não foi inesperada. Há mais de dez anos nos preparamos para este tipo de crise”, afirma Ricardo Santin, presidente da ABPA. Ainda sob a denominação UBABEF, a entidade criou o Grupo Especial de Prevenção à Influenza Aviária (GEPIA), que elaborou planos de contingência, ensaios técnicos, simulados e campanhas de orientação, formando a base do atual plano de ação que foi colocado em prática sem hesitação.

Além da resposta técnica, a articulação institucional foi essencial. O Mi-

nistro Carlos Fávaro, juntamente com os secretários Luis Rua (Comércio e Relações Internacionais) e Carlos Goulart (Defesa Agropecuária), liderou com firmeza e agilidade a frente pública, em parceria com o secretário estadual Edvilson Brum e o secretário-adjunto Márcio Madalena. A ABPA e a ASGAV, junto ao setor produtivo, atuaram para garantir fluxo de informações e suporte logístico às medidas sanitárias.

O foco do enfrentamento esteve centrado na transparência. A divulgação precisa das informações, em tempo real, foi priorizada desde



“A SURPRESA NÃO FOI INESPERADA. HÁ MAIS DE DEZ ANOS NOS PREPARAMOS PARA ESTE TIPO DE CRISE”

RICARDO SANTIN, PRESIDENTE DA ABPA

o primeiro momento. “Tanto o público quanto o privado não mediram esforços dentro de um único propósito: atuar com transparência”, reforça Santin. Ele ainda destacou o papel essencial da imprensa, que contribuiu para combater a desinformação e disseminar orientações corretas à sociedade e aos mercados internacionais.

A participação de Santin no programa Roda Viva, da TV Cultura, ao lado de jornalistas de veículos como Globo Rural, Reuters, Folha de S.Paulo, Agência Estado e Valor Econômico, exemplificou a abertura do setor ao diálogo com a opinião pública e reforçou o compromisso com a comunicação responsável.

Mesmo com o impacto inicial, o fluxo das exportações de carne de frango segue normal para mais de 120 mercados internacionais, com suspensões pontuais aplicadas apenas à zona de proteção. O Brasil, maior exportador mundial de carne de frango, permanece com reconhecimento internacional pela solidez de sua biossegurança.

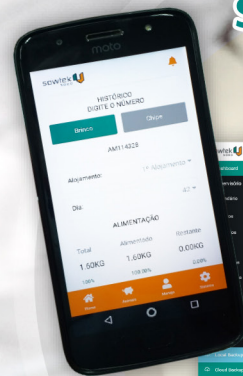
A ABPA segue em coordenação com o MAPA e parceiros internacionais para assegurar que os protocolos da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) sejam respeitados, e o status sanitário brasileiro seja reestabelecido em breve.

“De tudo, ficam muitos aprendizados – sem dúvida! – e, também, a certeza de que o Brasil está preparado para seguir como grande produtor e protagonista nas exportações, contribuindo para a segurança alimentar global”, conclui Santin. ■

SUINOCULTURA DE PRECISÃO,

Sua granja com **melhores resultados!**

Software de gestão.
Tecnologia na
palma da mão!



Na **maternidade**, o suinocultor conta com a Tecnologia de Precisão **Sowtek 5000**. Com ela, o produtor monitora, recebe dados individuais de cada fêmea, possibilitando um manejo preciso e o ganho de peso ideal dos leitões.

Na hora de aumentar a produtividade a suinocultura de precisão faz toda a diferença.



www.plasson.com.br



Solicite mais informações a um de nossos representantes.

PLASSON[®]
Livestock

Presença Global - Atendimento Personalizado.

MERCADO DE GRÃOS: ENTRE DESAFIOS CLIMÁTICOS E NOVAS OPORTUNIDADES

EM CENÁRIO DE EXPORTAÇÕES RECORDES E CUSTOS CRESCENTES, PRODUTORES BRASILEIROS ENFRENTAM O DESAFIO DE **MANTER RENTABILIDADE ENQUANTO ETANOL DE MILHO EMERGE COMO NOVA FRONTEIRA PARA O SETOR**

CAROLINE MENDES
caroline@dc7comunica.com.br

O agronegócio brasileiro navega por um cenário de contrastes em 2025. Enquanto as exportações de soja e milho batem recordes históricos, produtores enfrentam o desafio de manter a rentabilidade diante de custos crescentes e incertezas climáticas. A expansão do etanol de milho emerge como nova fronteira para o setor, mas exige cautela no planejamento da próxima safra.

EXPORTAÇÕES EM ALTA, APESAR DAS IRREGULARIDADES CLIMÁTICAS. O primeiro trimestre de 2025 consolidou a posição do Brasil como protagonista global no mercado de grãos. Mesmo após um início de ano marcado por atrasos na colheita devido a irregularidades climáticas, as exportações de soja superaram 10 milhões de toneladas em março, representando um avanço de 25% na média diária

em comparação ao mesmo período de 2024, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

A média diária de embarques alcançou 788,5 mil toneladas, contra 630 mil toneladas registradas em março do ano anterior, quando o país ainda sentia os efeitos da quebra de safra provocada pela seca. O ritmo acelerado dos trabalhos nos campos a partir de março ampliou a oferta de uma

safras que promete ser recorde.

Para o milho, o cenário mostra-se ainda mais surpreendente. Os embarques pela média diária praticamente triplicaram em relação ao mesmo período do ano passado, atingindo 62,9 mil toneladas. Apenas nos primeiros nove dias de abril, o Brasil já havia exportado 120,3 mil toneladas, superando o volume total de 66,1 mil toneladas embarcadas em todo o mês de abril de 2024.

“O produtor brasileiro demonstrou notável capacidade de adaptação às adversidades climáticas, conseguindo não apenas recuperar a produção, mas também ampliar significativamente os volumes exportados”, destaca Marcela Marini, analista de grãos do Rabobank.

CHINA: PARCERIA ESTRATÉGICA SOB NOVA DINÂMICA.

A China permanece como principal destino das exportações brasileiras de soja, mas sua estratégia de abastecimento passa por transformações. O gigante asiático tem diversificado suas fontes de fornecimento, buscando reduzir vulnerabilidades em sua cadeia de suprimentos.

“Observamos uma movimentação mais cautelosa do comprador chinês, mantendo volumes expressivos de importação, porém distribuindo suas compras ao longo do ano de forma mais estratégica”, explica Mari-

ni. Esta nova dinâmica exige dos exportadores brasileiros maior flexibilidade e capacidade de planejamento.

O cenário geopolítico adiciona camadas de complexidade ao mercado. A continuidade dos conflitos entre Rússia e Ucrânia e as tensões no Oriente Médio provocam oscilações nos preços internacionais das commodities. Somam-se a isso as flutuações cambiais, com o dólar cotado a R\$ 5,66 em maio de 2025, exercendo influência direta na competitividade dos grãos brasileiros.

ETANOL DE MILHO: NOVA FRONTEIRA EM EXPANSÃO.

Um fator que ganha relevância crescente no mercado brasileiro de milho é a expansão da produção de etanol a partir deste cereal. O Brasil produziu cerca de 6,3 bilhões de litros de etanol de milho na safra 2023/24, com projeção de aumento para 9,5 bilhões de litros na temporada atual, segundo dados do banco Citi.

O país contava com 22 usinas de etanol de milho em operação no ano passado, com outras 12 instala-

ções em construção e nove já aprovadas pela Agência Nacional do Petróleo (ANP). A expectativa é que a produção anual quase dobre para cerca de 16 bilhões de litros até 2032.

“O etanol de milho oferece vantagens importantes em relação à cana-de-açúcar. O tempo de armazenamento do milho e os custos mais baixos de transporte permitem a produção em áreas mais remotas”, realça Marini. Esta característica possibilita equilibrar o mercado de etanol do Brasil, garantindo oferta consistente, especialmente durante a entressafra da cana-de-açúcar.

A produção de etanol do centro-sul do Brasil em 2024/25 deverá encerrar a temporada em março em um novo recorde histórico, apesar de uma queda na safra de cana-de-açúcar, com o milho sustentando a oferta da matéria-prima para a fabricação do biocombustível.

PREÇOS E RENTABILIDADE: SINAIS DE ALERTA.

O Indicador do Milho ESALO/BM&FBOVESPA registrou R\$ 71,22 por saca de 60 kg em 22 de maio de ▶



PROFESSIONAL
CIBENZA
GRADE

**NUTRIÇÃO MÁXIMA PARA
+ CADA DIETA. NÃO ACEITE
NADA MENOS.**

Aditivo Enzimático
CIBENZA
uma marca **NOVUS**

A disponibilidade pode variar por região.

2025, com queda de 11,12% no mês. Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), os preços do milho devem ficar mais baratos em 2025, tanto no Brasil como no exterior, apesar de uma recuperação pontual em abril, quando interromperam a tendência de queda observada desde o final de março.

Para a safra 2025/26, as projeções apontam um cenário desafiador para os produtores brasileiros, especialmente diante da tendência de alta nos custos de produção e da pressão nos preços internacionais da soja.

Dados do Projeto Campo Futuro da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) indicam um aumento médio de 4% no desembolso do produtor de soja, puxado principalmente pela elevação nos preços dos fertilizantes (+10%) e de parte dos defensivos agrícolas. O Custo Operacional Efetivo (COE) pode ultrapassar R\$ 5.670 por hectare em Rio Verde (GO), R\$ 5.550 em Sorriso (MT) e R\$ 5.100 em Cascavel (PR).

“A queda nos preços futuros da soja e a possibilidade de produtividades abaixo da safra atual, devido às incertezas climáticas, podem comprometer os resultados da próxima safra”, sublinha Marini. Nesse cenário, a margem bruta do produtor pode cair mais de 35% nas regiões analisadas.

Para o milho segunda safra 2025/26, a expectativa é de um cenário de margem bruta positiva, porém em níveis inferiores aos registrados em 2024/25 em regiões como Rio Verde (GO) e Sorriso (MT). O desembolso do produtor deve apresentar alta de aproximadamente 7%, puxado pelo aumento nos preços dos insumos, especialmente fertilizantes.

SUSTENTABILIDADE E RASTREABILIDADE: DIFERENCIAL COMPETITIVO. As exigências de rastreabilidade e compromisso ambiental, especialmente por parte dos compradores europeus, representam tanto um desafio quanto uma oportunidade para o agronegócio brasileiro. “O Brasil possui um dos códigos florestais mais rigorosos do mundo e avança rapidamente na implementação de práticas sustentáveis. Esta é uma vantagem competitiva que precisamos comunicar de forma mais efetiva aos mercados internacionais”, discorre Marini.



A analista afirma que o setor tem investido em tecnologias de rastreabilidade e certificação, permitindo que compradores internacionais verifiquem a origem dos produtos e as práticas adotadas em sua produção. “A sustentabilidade deixou de ser apenas uma exigência externa para se tornar parte integrante do modelo de negócios dos produtores mais eficientes”, complementa.

PLANEJAMENTO E ESTRATÉGIAS PARA 2025/26. Diante das incertezas climáticas e econômicas, o planejamento cuidadoso torna-se essencial para a safra 2025/26. Em reunião da Comissão Nacional de Cereais, Fibras e Oleaginosas, realizada em abril, o meteorologista Francisco de Assis Diniz afirmou que o cenário climático indica a permanência do Oceano Pacífico em condição neutra até meados do ano, com variações regionais significativas nas precipitações.

A Bahia e o norte de Minas Gerais devem seguir com pouca chuva, enquanto a região Sul e o oeste do Rio Grande do Sul enfrentarão chuva irregular em abril, com melhora prevista nos meses seguintes. A região do Matopiba e o estado do Mato Grosso devem registrar chuvas próximas da normalidade.

Para enfrentar este cenário, Marini recomenda aos produtores atenção redobrada aos custos de produção e às estratégias de comercialização. “A produtividade necessária para cobrir os desembolsos da atividade deve ultrapassar 56 sacas por hectare em Sorriso (MT) e 51 sacas em Rio Verde (GO). O clima e a produtividade ganham ainda mais relevância para diluição dos custos e viabilização de re-

sultado econômico positivo”, alerta.

A analista também sugere verificar cuidadosamente os valores de arrendamento de terras e preços dos principais insumos, como fertilizantes. “O momento de compra dos insumos pode fazer diferença significativa na rentabilidade final. Para o MAP (fosfato monoamônico), a janela de compras atual ainda é favorável ao agricultor, enquanto para o KCl (cloreto de potássio), a relação de troca deve piorar nos próximos meses”, finaliza.

Em um mercado cada vez mais volátil e competitivo, a combinação de informação de qualidade, planejamento estratégico e adaptabilidade às mudanças climáticas e de mercado será determinante para o sucesso dos produtores brasileiros de grãos na safra 2025/26. ■

“O CLIMA E A PRODUTIVIDADE GANHAM AINDA MAIS RELEVÂNCIA PARA DILUIÇÃO DOS CUSTOS E VIABILIZAÇÃO DE RESULTADO ECONÔMICO POSITIVO”
- MARCELA MARINI, ANALISTA DE GRÃOS DO RABOBANK.



Global como o mundo, próxima como quem produz.



Com a Agrifirm você pode ter o melhor dos dois mundos:

O *know-how de uma empresa global* e o compromisso de uma cooperativa de produtores rurais, com **4 unidades produtivas no Brasil.**

Junte-se a nós e vamos criar um futuro de **sucesso, JUNTOS.**

**Aditivos Nutricionais | Nutrição de Animais Jovens
Premixes e Concentrados | Minerais**



SEGURANÇA DOS INSUMOS É PILAR ESSENCIAL NA NUTRIÇÃO ANIMAL

GARANTIA DE QUALIDADE, RASTREABILIDADE E BOAS PRÁTICAS SÃO FUNDAMENTAIS PARA **EVITAR RISCOS À SAÚDE ANIMAL E HUMANA**

CAMILA SANTOS

camila@dc7comunica.com.br

A segurança dos insumos utilizados na nutrição animal representa um fator crítico para a integridade da cadeia produtiva. Desde a origem da matéria-prima até o produto final, cada etapa exige rigor técnico e compromisso com a saúde animal e com a inocuidade dos alimentos de origem animal destinados ao consumo humano. “A atenção voltada à segurança dos insumos é fundamental para prevenir problemas relacionados à saúde dos animais e à qualidade dos produtos de origem animal”, afirma Bruno Caputi, coordenador de Assuntos Regulatórios do Sindirações.

Entre os pontos de maior vigilância estão a qualidade dos ingredientes, a qualificação dos fornecedores e a rastreabilidade dos materiais adquiridos. “O principal ponto de atenção é garantir a qualidade dos ingre-

dientes, que os mesmos sejam livres de contaminantes e patógenos, o que pode ser verificado por meio de análises laboratoriais”, explica Caputi. Ele acrescenta que também é necessário verificar o cumprimento das boas práticas de fabricação e armazenagem, bem como o alinhamento com a legislação vigente. A rastreabilidade, por sua vez, permite identificar a origem dos insumos e realizar ações corretivas mais rapidamente, caso seja detectado algum problema.

Nos últimos anos, a legislação brasileira relacionada à alimentação animal tem passado por um processo de modernização. Contudo, segundo Caputi, ainda não houve avanços



significativos no texto legal que trata de riscos como micotoxinas, resíduos químicos e agentes microbiológicos. “Este cenário está prestes a mudar, pois o MAPA está estudando o assunto e tem se esforçado para alinhar suas normas às diretrizes internacionais”, afirma, citando o trabalho de harmonização com as recomendações da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) e do Codex Alimentarius.

Ainda que os regulamentos não tenham sido atualizados na íntegra, algumas ações já vêm sendo adotadas por parte das autoridades. “O MAPA já prevê em sua fiscalização uma análise exploratória dos contaminantes na alimentação animal através de programas internos de monitoramento”, explica o especialista. Ele também destaca a intensificação da fiscalização sobre boas práticas de fabricação e comercialização de alimentação animal, o que tem exigido maior preparo e conformidade da indústria.

INVESTIMENTOS EM TECNOLOGIA E CAPACITAÇÃO PARA GARANTIR RASTREABILIDADE. As empresas associadas ao Sindirações, responsáveis por cerca de 90% da produção de alimentação animal no Brasil, têm adotado uma série de medidas para garantir a segurança e a rastreabilidade dos insumos utilizados. “Os associados têm se estruturado de várias maneiras, como a implementação das Boas Práticas de Fabricação (BPF), da Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle (APPCC) e de sistemas de gestão da qualidade mais avançados”, afirma Bruno Caputi destacando também o uso crescente de tecnologias automatizadas que integram os processos de produção e controle de qualidade, além do investimento em certificações privadas.

Outro avanço importante está no uso de sistemas digitais para garantir a rastreabilidade dos produtos. Esses sistemas permitem o monitoramento contínuo dos insumos desde a origem até a entrega final, assegurando que todas as etapas estejam documentadas e possam ser verificadas em caso de necessidade. “As empresas têm investido também em tecnologia com programas para garantir a rastreabilidade dos produtos, assegurando que cada etapa do processo seja rastreável, documentada e verificável. Além



“ PRINCIPAL PONTO DE ATENÇÃO É GARANTIR A QUALIDADE DOS INGREDIENTES, QUE OS MESMOS SEJAM LIVRES DE CONTAMINANTES E PATÓGENOS, O QUE PODE SER VERIFICADO POR MEIO DE ANÁLISES LABORATORIAIS ”

BRUNO CAPUTI É COORDENADOR DE ASSUNTOS REGULATÓRIOS DO SINDIRAÇÕES

disso, a qualificação de equipes por meio de treinamentos tem sido uma prioridade para reforçar a cultura de qualidade dentro das empresas.”

Com o avanço das exigências globais por alimentos seguros e controlados, o Brasil já demonstra capacidade de atender a essas demandas. “O Brasil não só já está preparado, como já atende os mercados internacionais há muitos anos”, afirma Caputi. Segundo ele, o setor opera com base em regras estabelecidas há décadas, fiscalizadas rigorosamente pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), o que garante um padrão consistente de segurança.

Ele ressalta ainda o bom desempenho do país em sistemas internacionais de alerta sanitário, utilizados para notificar inconformidades em produtos importados. “O Brasil tem um

histórico muito positivo quanto à segurança dos seus produtos exportados, sendo raro o registro de não conformidades”, observa. Como um dos principais exportadores mundiais de produtos de origem animal, o Brasil se beneficia de uma reputação consolidada, construída ao longo dos anos com base na conformidade com normas internacionais e na eficiência dos processos de controle.

Para Bruno Caputi, o histórico positivo da indústria brasileira, com baixas ocorrências de inconformidades e forte atuação da fiscalização, já contribui para consolidar a importância da segurança na nutrição animal. No entanto, ele defende que a cadeia de proteína animal avance ainda mais na promoção da cultura de avaliação de riscos. “Essa cultura deve ser fortalecida por meio da integração entre produtores, indústrias, órgãos reguladores e pesquisadores, com ações como workshops e fóruns de discussão”, recomenda.

Esses espaços, segundo ele, permitem o compartilhamento de experiências e estudos de caso que mostram como a avaliação de riscos pode prevenir falhas e garantir a segurança alimentar. A proposta é construir uma rede colaborativa de conhecimento, que envolva todos os elos da cadeia produtiva. “Ao promover a conscientização, inclusive junto aos consumidores, fortalecemos ainda mais a reputação da indústria de alimentação animal brasileira no mercado interno e externo”, finaliza. ■

USO TERAPÊUTICO DA CANNABIS NA SAÚDE ANIMAL É PAUTA NO WNTC 2025

EVENTO PARALELO À FCE PHARMA DESTACA AVANÇOS CIENTÍFICOS E REGULAGÕES EM ANDAMENTO PARA APLICAÇÕES VETERINÁRIAS DO CANNABIDIOL

A aplicação terapêutica da cannabis na medicina veterinária será um dos temas abordados pela Abiquifi - Associação Brasileira da Indústria de Insumos Farmacêuticos - durante o congresso We Need to Talk About Cannabis (WNTC), realizado como parte da programação da Exposição Internacional de Tecnologia para a Indústria Farmacêutica (FCE Pharma), que ocorre entre os dias 10 e 12 de junho, no São Paulo Expo, em São Paulo

(SP). Com foco na ampliação do debate técnico e científico, a entidade realiza o evento em parceria com a Nürnberg-Messe Brasil e FCE Pharma, com o objetivo de contribuir para o avanço do conhecimento sobre o uso da planta, que ganhou força após a recente atualização que regulamenta o registro de produtos a base de cannabis para saúde animal no Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), abrindo um mercado em potencial.

Um dos pontos centrais da partici-

pação da Abiquifi é a apresentação de informações científicas e clínicas sobre a utilização do canabidiol (CBD) no tratamento de condições comuns na medicina veterinária. Gabriela Cezar, CEO da Vettiva - empresa associada à Abiquifi -, compartilhará resultados de estudos publicados por instituições como Cornell University, Colorado State University e Florida State University, que demonstram a eficácia clínica do CBD em animais. As pesquisas indicam benefícios no manejo da dor inflamatória associada à osteoartrite, em casos de epilepsia, prurido em dermatite atópica e distúrbios de ansiedade em cães.

Além de cães, outras espécies também vêm sendo contempladas por estudos em andamento. Gabriela aponta que, em felinos, há avanços especialmente em relação ao tratamento do complexo gengivite estomatite felino, enquanto, em cavalos, o foco está nos distúrbios musculoesqueléticos crônicos e alterações comportamentais. Para ela, consolidar essas evidências é fundamental para garantir o uso seguro da cannabis na prática clínica veterinária. “A ampliação das evidências clínicas é essencial para consolidar o uso seguro da cannabis medicinal na prática veterinária, o que demanda incentivo contínuo à pesquisa e à regulação apropriada”, afirma.

A discussão sobre regulação irá ocupar um espaço importante durante o evento. Marilene Nuss Rangel, gerente Sênior de Assuntos Regulatórios da Abiquifi, aborda o impacto da Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 934/2024, publicada em novembro do ano passado, que autoriza o uso de derivados da cannabis sativa em produtos veterinários com finalidade terapêutica. Ela também vai destacar a recente divulgação de uma minuta de RDC, em maio de 2025, voltada à fiscalização da produção e do acesso. Entre os pontos mais relevantes está a regulamentação do cultivo, cuja responsabilidade será do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA).

Apesar dos avanços regulatórios, o tema ainda enfrenta resistência em alguns setores da indústria veterinária. Marilene explica que, embora muitas empresas estejam interessadas em desenvolver produtos à base de canna-



GABRIELA CEZAR, CEO DA VETTIVA, COMPARTILHARÁ RESULTADOS DE ESTUDOS PUBLICADOS POR INSTITUIÇÕES COMO CORNELL UNIVERSITY, COLORADO STATE UNIVERSITY E FLORIDA STATE UNIVERSITY, QUE DEMONSTRAM A EFICÁCIA CLÍNICA DO CBD EM ANIMAIS



MARILENE NUSS RANGEL, GERENTE SÊNIOR DE ASSUNTOS REGULATÓRIOS DA ABIQUIFI, ABORDA O IMPACTO DA RDC QUE AUTORIZA O USO DE DERIVADOS DA CANNABIS SATIVA EM PRODUTOS VETERINÁRIOS COM FINALIDADE TERAPÊUTICA

bis, especialmente para fins analgésicos, há também uma parcela mais conservadora do setor que prefere continuar utilizando moléculas já conhecidas. “A expectativa é positiva, mas a definição regulatória do MAPA será crucial para que as empresas avancem com segurança jurídica”, avalia.

Entre os entraves técnicos para o avanço da cannabis medicinal na saúde animal, a Abiquifi aponta a necessidade

de centros de pesquisa habilitados a conduzir estudos clínicos em conformidade com o Decreto 5.053/2004 e a Instrução Normativa nº 15/2005. Marilene ressalta que essa é uma etapa fundamental para assegurar a qualidade e a segurança dos produtos. Ainda assim, segundo ela, o país conta com estrutura e expertise sufi-

PIONEIRA NA INTRODUÇÃO DA PAUTA DA CANNABIS MEDICINAL NO BRASIL, A ABIQUIFI AGORA EXPANDE ESSE DEBATE PARA O CAMPO DA SAÚDE ANIMAL, AMPLIANDO SUA CONTRIBUIÇÃO PARA POLÍTICAS PÚBLICAS MAIS ESTRUTURADAS

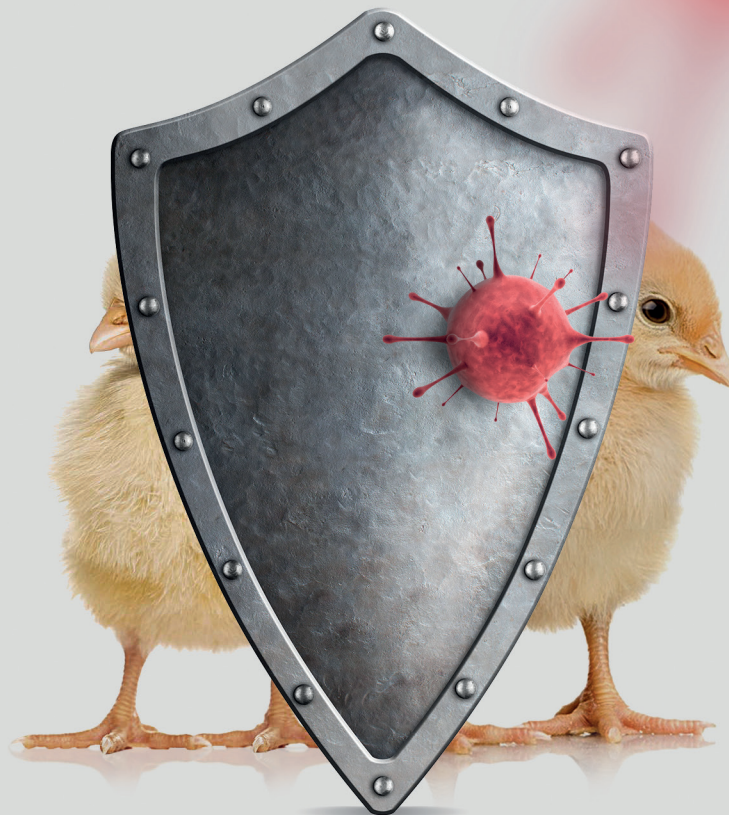


cientes para avançar. “Temos capacidade industrial instalada e um corpo acadêmico altamente qualificado em farmacologia e toxicologia veterinária. As universidades públicas já desenvolvem pesquisas que poderão apoiar diretamente o setor”, conclui.

O WNTC 2025 reforça o compromisso da Abiquifi em conduzir discussões técnicas sobre temas emergentes da saúde, incluindo a medi-

na veterinária. À frente da organização do congresso, a entidade fortalece o diálogo com autoridades regulatórias, compartilha conhecimento científico e estimula um ambiente propício à inovação industrial, sempre orientado pela segurança e pela evidência. Pioneira na introdução da pauta da Cannabis Medicinal no Brasil, a Abiquifi agora expande esse debate para o campo da saúde animal, ampliando sua contribuição para políticas públicas mais estruturadas.

O congresso destaca ainda a necessidade de integrar ciência, regulação e mercado no desenvolvimento de soluções à base de cannabis. Com o avanço do interesse industrial e das discussões normativas, o setor veterinário se aproxima de um novo ciclo de oportunidades, cuja consolidação exigirá articulação entre empresas, pesquisadores e o poder público. ■



DE OLHO NA BIOSSEGURIDADE

FOCO DE IAAP EM GRANJA COMERCIAL NO RIO GRANDE DO SUL ACENDE ALERTA **E BRASIL REFORÇA SEU ESCUDO CONTRA INFLUENZA AVIÁRIA DE ALTA PATOGENICIDADE**

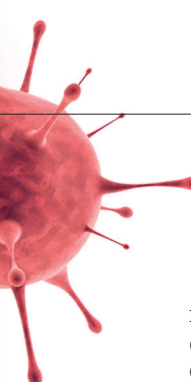
CAMILA SANTOS

camila@dc7comunica.com.br

O Brasil enfrenta uma crise sanitária após a confirmação do primeiro foco de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP) em uma granja comercial, no município de Montenegro, no Rio Grande do Sul. O caso, registrado em 15 de maio, marca uma mudança de cenário, com o vírus H5N1 migrando da fauna silvestre para o ambiente de produção industrial. Desde então, o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) ativou o Plano Nacional de Contingência, que

resultou na interdição da propriedade, abate sanitário dos animais e intensificação da vigilância na região.

Sete dias após o incidente, 22 de maio, o Serviço Veterinário Oficial (SVO) concluiu as ações de limpeza e desinfecção no local e instaurou o período de 28 dias de vazio sanitário — etapa essencial para que o país possa recuperar o status sanitário internacional. A operação envolveu 25 equipes, a instalação de barreiras sanitárias e a vistoria de 540 propriedades em um raio de 10 quilômetros. A



mobilização contou ainda com apoio da prefeitura local, Brigada Militar e Corpo de Bombeiros locais, em uma ação de contenção considerada rápida e estratégica pelas autoridades.

No entanto, o impacto comercial da ocorrência é significativo. Até o fechamento desta edição, 21 países impuseram suspensão total às exportações de carne de aves brasileira, entre eles China, União Europeia, Coreia do Sul, México e Chile. Outros 10 países, como Arábia Saudita, Reino Unido e Bahrein, aplicaram restrições direcionadas ao Rio Grande do Sul. Já Emirados Árabes Unidos e Japão limitaram o embargo apenas ao município de Montenegro, enquanto Rússia, Bielorrússia, Armênia e Quirguistão adotaram medidas regionalizadas, de acordo com informações do MAPA.

A ampliação das restrições reflete a sensibilidade do mercado global frente a surtos sanitários em países exportadores. Mesmo com a resposta rápida e os esforços de contenção em curso, a situação exige atenção redobrada do setor produtivo e das autoridades sanitárias. O objetivo agora é evitar novos focos e demonstrar, com base em evidências técnicas, que o caso foi isolado e controlado, a fim de restabelecer gradualmente a confiança dos países importadores.

NOTIFICAÇÕES RECENTES AGENDAM ALERTA SANITÁRIO.

O aumento no número de suspeitas de Influenza aviária registrado nas últimas semanas voltou a mobilizar autoridades sanitárias, agroindústrias e produtores em todo o Brasil. Desde o início de 2025, o Ministério da Agricultura tem recebido uma média de dez notificações diárias, envolvendo aves silvestres e criações de subsistência, especialmente nas regiões Sudeste e Sul. Apesar de nenhuma confirmação em plantéis comerciais até o momento, o cenário reforça a necessidade de atenção contínua e articulação entre os diferentes elos da cadeia produtiva.

Com histórico de mais de três mil notificações desde 2023, sendo cerca de mil investigações com coleta de amostras, o Brasil enfrenta uma vigilância constante para evitar que no-



BRUNO PESSAMILIO É MÉDICO-VETERINÁRIO E COORDENOU POR MAIS DE UMA DÉCADA O PROGRAMA NACIONAL DE SANIDADE AVÍCOLA (PNSA)

vos focos de influenza aviária comprometam o status sanitário do país. É nesse contexto que ganha relevância o Plano de Contingência elaborado pelo Ministério da Agricultura e pelas secretarias estaduais de agricultura, com foco na contenção e erradicação de focos. Para o médico-veterinário Bruno Pessamilio, que coordenou por mais de uma década o Programa Nacional de Sanidade Avícola (PNSA), a adoção efetiva desse plano é hoje uma responsabilidade compartilhada entre poder público e setor privado.

“O plano existe há anos, mas só passou a ser levado a sério com os surtos registrados entre 2003 e 2004. Ainda assim, o envolvimento do setor produtivo permaneceu superficial por muito tempo”, aponta Bruno. Após deixar o Ministério, o especialista passou a atuar como consultor técnico e percebeu lacunas importantes na preparação interna das empresas. “A maioria das granjas e agroindústrias não sabe exatamente o que fazer diante de uma notificação positiva. A resposta não pode vir apenas do serviço oficial”, apontou o especialista em sua palestra na última edição do Simpósio Brasil Sul de Avicultura (SBSA).

Um dos pontos mais críticos, segundo ele, é a subestimação dos ris-

cos relacionados às pequenas criações com atividade comercial. “Quando uma ave de subsistência é comercializada, ela passa a ser considerada parte da produção. E, se for diagnosticada com o vírus, o país terá que declarar um foco em produção comercial, com todas as implicações que isso traz”, explica. Para a Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA), não há distinção entre grandes e pequenos produtores quando se trata de status sanitário internacional.

Para além das granjas, Pessamilio defende que o plano de contingência seja entendido como uma ferramenta prática, não apenas um documento protocolar. “É preciso treinar equipes, simular respostas, entender os papéis de cada ator. O setor privado precisa saber o que fazer quando um foco for confirmado”, afirma. Ele destaca que os planos passaram por importantes revisões nos últimos anos, adaptando-se à realidade brasileira e incorporando experiências de países vizinhos que enfrentaram surtos severos.

O momento, reforça o especialista, é de preparação estratégica. “Não se trata mais de saber se teremos novos focos. A questão é: estaremos prontos quando isso acontecer?”, questiona. Na visão de Pessamilio, a antecipação é a chave para mitigar danos econômicos e preservar a imagem da avicultura brasileira. “O setor precisa assumir sua parcela de responsabilidade na resposta sanitária. É isso que pode fazer a diferença em uma eventual emergência.”

Para ele, apesar do esforço técnico e normativo, muitas empresas do setor avícola ainda demonstram fragilidade na compreensão do que efetivamente representa estar em contingência. Uma das principais falhas é o entendimento de que o plano só deve ser acionado quando há um foco confirmado dentro da própria granja. Segundo o especialista, esse é um erro comum: basta que um foco ocorra na mesma região e, ao se estabelecer um raio de 10 quilômetros, todas as propriedades incluídas nesse perímetro entram automaticamente em contingência, mesmo que não estejam diretamente afetadas. ►

Isso significa que, dentro da zona de controle estabelecida em torno de um foco, medidas severas são imediatamente aplicadas, incluindo suspensão de trânsito de aves, ração e material biológico, além de exigência de condicionantes para retomada gradual das atividades. “É um impacto que poucos avaliam. Já vi situações em que o foco ocorreu em uma propriedade de subsistência, mas o arco de emergência interditou dezenas de granjas comerciais ao redor. O prejuízo nessas granjas foi muito maior do que na unidade em que o foco foi detectado”, alerta Pessamilo.

Outro ponto destacado é a sazonalidade do risco, especialmente relacionado à migração das aves silvestres. A presença de rotas migratórias que cruzam regiões produtivas do país é uma preocupação constante. “Estamos agora no período de retorno das aves migratórias ao Brasil. Foi nessa época, em maio de 2023, que surgiram os primeiros focos no Rio de Janeiro. E anualmente, entre março e novembro, essas aves cruzam o país, aumentando o risco de introdução dos vírus”, explica o especialista. Ele menciona estudos que mapeiam as principais rotas migratórias no território nacional, passando por áreas com alta densidade de produção avícola.

O papel das empresas, nesse contexto, vai além de cumprir determinações oficiais. Envolve preparação prévia, revisão de protocolos inter-

nos, treinamento de equipes e simulações realistas para atuação rápida em situações de emergência. “A pergunta que cada gestor deve se fazer é: se amanhã minha granja for incluída em um raio de contingência, sei exatamente o que fazer? Tenho os documentos prontos? Minha equipe sabe para onde correr?”, questiona o especialista. A resposta a essas perguntas define não apenas o tempo de resposta, mas o impacto econômico e sanitário do evento.

“Com o Brasil sob constante vigilância e o fluxo migratório de aves silvestres em curso, o acionamento rápido e bem estruturado dos planos de contingência pode ser decisivo para manter o país livre de influenza aviária em plantéis comerciais. A preparação deixou de ser uma recomendação e passou a ser uma condição essencial para a continuidade da atividade avícola em níveis competitivos e sustentáveis”, destaca.

PLANO DE CONTINGÊNCIA. Para garantir uma resposta eficiente diante de uma emergência sanitária, é fundamental que as empresas conheçam em detalhe o plano de contingência. A atuação começa com a notificação de uma suspeita ao Ministério da Agricultura, que inicia a investigação em até 12 horas. Se confirmada a presença do vírus, é decretado estado de emergência sanitária, com notificação a organismos internacionais e bloqueio imedia-

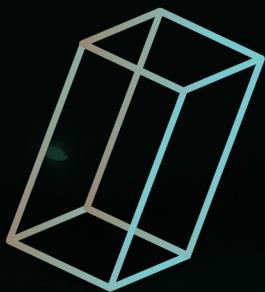
to de movimentações nas áreas afetadas. A erradicação inclui sacrifício sanitário, limpeza e desinfecção das propriedades, além do vazio sanitário e monitoramento com sentinelas. A atuação conjunta entre setor privado e Serviço Veterinário Oficial é indispensável em todas as etapas.

“O plano precisa ser específico para cada unidade produtiva, contemplando desde questões técnicas até logísticas, com detalhamento de procedimentos adaptados ao tipo de granja, espécie animal e características do terreno. Granjas em áreas de emergência só poderão comercializar produtos após exames ou termoprocessamento, e empresas não preparadas podem ter suas atividades suspensas. O planejamento deve envolver todas as áreas da empresa, com ações estruturadas para prevenção e resposta”, recomenda Bruno.

De acordo com ele, “as empresas precisam entender que emergência é uma cultura, uma mudança cultural” - afirma, ao comparar o tema com a estrutura organizacional. “Assim como há anos se trabalha prevenção em biossegurança e segurança do trabalho, também precisa existir uma equipe — ou pelo menos um responsável — caso surja uma emergência relacionada à contaminação. O plano de contingência deve ser tratado como uma área estruturada da empresa.”

O especialista pede preparo. “Prevenir é uma coisa; reagir é outra. A reação exige operações e procedimentos diferentes, que a indústria não está acostumada a usar. Infelizmente, poucas pessoas estão capacitadas para isso. Precisamos criar uma cultura de emergência, com treinamentos, capacitações e simulados, porque não adianta ter um plano maravilhoso se, na hora H, ninguém treinou junto, ninguém sabe jogar. E detalhe: a equipe tem que entrar para ganhar, não só para participar”, finaliza. ■





11º

ENCONTRO AVÍCOLA
E EMPRESARIAL

UNIFRANGO

CRESCIMENTO
IMPULSIONANDO
A EVOLUÇÃO

PALESTRAS | WORKSHOPS | MENTORING | NETWORKING

Soluções, conhecimento e tecnologia para impulsionar a avicultura e o agronegócio.



22 a 24/07/25



LEBLOC JARDIM

Maringá - PR

Faça sua
inscrição





AVIMIG 70 ANOS: O ELO QUE IMPULSIONA A AVICULTURA MINEIRA RUMO AO FUTURO

COM SETE DÉCADAS DE ATUAÇÃO, A **AVIMIG** REFORÇA SEU PAPEL ESTRATÉGICO NO DESENVOLVIMENTO DA AVICULTURA EM MINAS GERAIS, FORTALECENDO O SETOR POR MEIO DA UNIÃO COM EMPRESAS DE TODOS OS PORTES, COMO FRANBOM, HG FOODS, AVIVAR ALIMENTOS E SOMAI

MARCELO MACAUS, ESPECIAL PARA FEED&FOOD
jornalistamacaus@gmail.com

Ao completar 70 anos de fundação, a Associação dos Avicultores de Minas Gerais (Avimig) celebra uma trajetória marcada por conquistas institucionais, avanços na representação do setor e pela capacidade de se reinventar para atender às demandas de uma avicultura moderna, competitiva e sustentável. Criada em fevereiro de 1955,

a Avimig passou por diferentes ciclos econômicos e desafios estruturais, se consolidando como uma entidade de referência nacional e uma ponte estratégica entre os avicultores mineiros e os centros decisórios governamentais e institucionais do Brasil.

Mesmo com sua história já extensa, a Avimig demonstra um vigor jovem e atento ao futuro. Nos últimos anos, pro-

tagonizou uma verdadeira transformação institucional, atualizando sua comunicação, ampliando seus canais de relacionamento com o setor produtivo e elevando a capacidade de articulação junto a entidades como Seapa, IMA, Emater, Faemg, CRMV-MG, além das Secretarias da Fazenda e de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais.

O trabalho de representação tem sido conduzido com firmeza pelo presidente do Conselho Diretor da Avimig, Antônio Carlos Vasconcelos Costa, que ocupa o cargo desde 2010 e reafirma o compromisso da associação com a valorização da produção mineira de frangos e ovos.

Com iniciativas como o evento Avicultor Mais - atualmente o maior encontro da cadeia avícola em Minas Gerais -, a criação do Ciclo de Palestras Avimig Rumo aos 70 Anos, e a realização de simpósios, a entidade tem se tornado cada vez mais protagonista na capacitação técnica, na difusão de boas práticas e na promoção institucional da avicultura mineira.

Essa presença ativa e conectada com os desafios contemporâneos é reconhecida por empresas associadas que, de diferentes portes e regiões do estado, compartilham uma história de parceria com a entidade. Entre essas associadas estão a Franbom, pioneira no quadro associativo da Avimig; a HG Foods, recém-integrada ao grupo; além da Avivar Alimentos e da Somai, duas referências da cadeia avícola nacional.



"A FORÇA DA AVICULTURA MINEIRA ESTÁ NA CAPACIDADE DE SE ADAPTAR E EVOLUIR", DESTACA ANTÔNIO CARLOS VASCONCELOS COSTA

FRANBOM: DA FUNDAÇÃO À CONTINUIDADE HISTÓRICA.

A Granja Franbom foi a primeira empresa a se associar à Avimig, ainda nos seus primórdios, e permanece até hoje como parte ativa da história da entidade. Localizada em São Pedro dos Ferros/MG, a empresa conta com aproximadamente 400 colaboradores diretos e mantém sua operação voltada para a agroindústria de frango de corte.

Para a diretora Sandra Cristina Fonseca, a Avimig representa muito mais do que uma entidade de classe. "Ela é como uma mãe que ampara, ensina, orienta e mostra os caminhos certos para cada avicultor, pequeno ou grande. Nos momentos difíceis, a Avimig foi essencial para nos manter firmes. Em tempos de avanço, ela nos impulsiona a evoluir com consciência, responsabilidade e técnica", afirma.

Ao longo dos anos, a empresa acompanhou e participou ativamente das mudanças no setor, incluindo os processos de profissionalização, normatização sanitária e adequações ambientais. "A Avimig esteve presente em todos esses momentos. A gente sente segurança em pertencer a algo maior, que pensa o setor como um todo e trabalha com ética e visão de futuro", complementa.

HG FOODS: A NOVA GERAÇÃO DA AVICULTURA MINEIRA.

Com 41 anos de história e duas unidades produtivas nos municípios de Pitangui e Martinho Campos (MG), a HG Foods é a mais nova associada da Avimig. Sob a liderança dos sócios Guilherme Augusto Silva e Heleno Henrique Silva, a empresa atua

com foco na produção de pintos de um dia, com capacidade mensal de 650 mil aves, atendendo aos mercados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

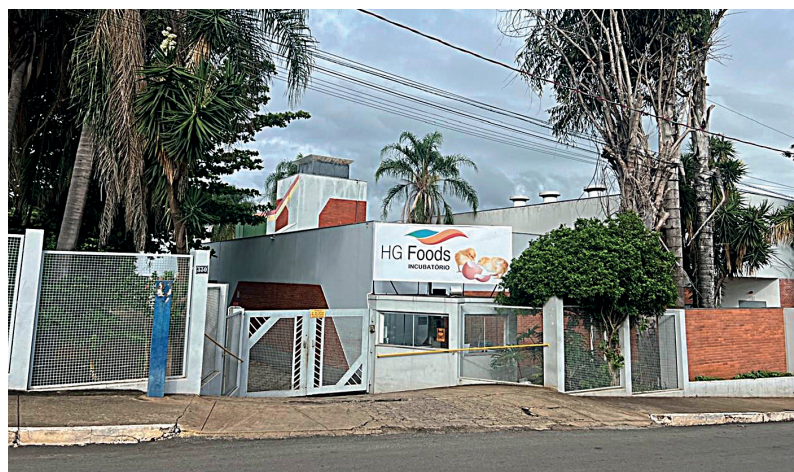
Para a HG Foods, o ingresso na Avimig representa um passo estratégico para ampliar sua presença institucional e reforçar sua inserção no ambiente técnico e regulatório da cadeia produtiva. "Num mercado tão competitivo, entendemos que estar associado à Avimig é fundamental para a defesa de nossos interesses, especialmente nas interações com órgãos reguladores, além de possibilitar o acesso a informações e trocas essenciais para acompanhar os desafios da atividade", destaca a empresa.

A qualidade do atendimento técnico e jurídico prestado pela associação é um diferencial valorizado pela HG Foods. "Temos demandas constantes e encontramos na Avimig competência e profissionalismo para nos apoiar. Isso nos dá tranquilidade e fortalece nosso posicionamento no mercado", avaliam os sócios.

AVIVAR ALIMENTOS: 25 ANOS AO LADO DA AVIMIG.

Fundada em 1999, a Avivar Alimentos é uma das empresas que mais cresceram na avicultura mineira nas últimas décadas. Com unidades em Carmo do Cajuru, Esmeraldas e São Sebastião do Oeste, a empresa atua de forma verticalizada, com cadeia completa - das matrizes ao produto final. Hoje, exporta para mais de 30 países e tem forte presença em mais de 20 estados brasileiros.

Desde o início de suas opera- ▶



HG FOODS ATUA COM FOCO NA PRODUÇÃO DE PINTOS DE UM DIA, COM CAPACIDADE MENSAL DE 650 MIL AVES, ATENDENDO AOS MERCADOS DE MINAS GERAIS, RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

ções, a Avivar é associada à Avimig. “São 25 anos de uma relação sólida e inspiradora. Fazer parte da Avimig é pertencer a um movimento coletivo em prol do fortalecimento da avicultura mineira”, afirma a empresa. O vínculo é ainda mais estreito pelo fato de o CEO da Avivar, Antônio Carlos Vasconcelos Costa, também ser presidente da Avimig há mais de 15 anos.

“A Avimig e a Avivar têm histórias que se entrelaçam. Compartilhamos valores, desafios e conquistas. Participamos de iniciativas fundamentais, construímos conhecimento coletivo e ajudamos a pavimentar caminhos sustentáveis para o setor. Isso nos dá orgulho e propósito”, afirma a equipe de liderança da Avivar, que hoje conta com 3.368 colaboradores diretos, sendo 24% de sua liderança composta por mulheres.

SOMAI: COLABORAÇÃO E CRESCIMENTO COM BASE NO ASSOCIATIVISMO.

Com atuação na produção de pintinhos de um dia para corte e ovos férteis, a Somai tem se consolidado como uma referência nacional na avicultura. Com sede em Pará de Minas e unidades em São Gotardo, Bambuí e Córrego Danta, a empresa se associa à Avimig desde 2005, motivada pelo compromisso com a coletividade e com o desenvolvimento técnico e institucional do setor.

“Nos associamos à Avimig para contribuir com o setor e também para nos fortalecermos em grupo. É importante que os avicultores participem ativamente da entidade, pois ela representa nossos interesses em diversas frentes, especialmente junto ao governo”, afirma a diretora Patrícia Ribeiro.

A Somai valoriza especialmente a atuação técnica da entidade e a realização de eventos como o Avicultor Mais, além da capacitação de profissionais e do intercâmbio com outras instituições. “A Avimig tem papel fundamental na aproximação entre o setor produtivo, universidades e governo. É uma ponte de conhecimento e de articulação que

SEDE ADMINISTRATIVA DA AVIVAR EM DIVINÓPOLIS: EMPRESA EXPORTA PARA MAIS DE 30 PAÍSES E TEM FORTE PRESENÇA EM MAIS DE 20 ESTADOS BRASILEIROS

SOMAI SE CONSOLIDA COMO REFERÊNCIA NA AVICULTURA MOTIVADA PELO COMPROMISSO COM A COLETIVIDADE E COM O DESENVOLVIMENTO TÉCNICO E INSTITUCIONAL DO SETOR



agrega muito para todos nós”, destaca.

Com um histórico de constante crescimento, a Somai tem planos de expansão alinhados aos princípios da responsabilidade sanitária, ambiental e de bem-estar animal, pilares defendidos também pela Avimig. “Acreditamos que a sustentabilidade e a competitividade caminham juntas, e a Avimig é uma aliada estratégica nesse caminho”, afirma Patrícia.

UMA ENTIDADE QUE CONECTA, REPRESENTA E TRANSFORMA.

A história da Avimig é construída por centenas de avicultores e empresas que acreditam na força da união e da representatividade. Ao longo de sete décadas, a entidade se reinventou, ampliou sua base de atuação e conquistou vitórias importantes, como a isenção do PIS/Cofins sobre a carne de frango, além de garantir espaços relevantes de fala em fóruns estaduais e nacionais.

Eventos como o Avicultor Mais – que, em 2025, reunirá cerca de cem

empresas em mais de 10 mil metros quadrados no Expominas – e as capacitações técnicas realizadas ao longo do ano com especialistas do Brasil inteiro, consolidam o papel da Avimig como referência na integração entre ciência, produção e mercado.

Para os próximos anos, a entidade projeta ampliar suas ações em áreas como sustentabilidade, inovação, sucessão familiar e governança. Como destaca Antônio Carlos Vasconcelos Costa, “a força da avicultura mineira está na capacidade de se adaptar e evoluir. Seguiremos trabalhando para que Minas Gerais continue sendo referência em qualidade, sanidade e responsabilidade na produção avícola”.

Aos 70 anos, a Avimig demonstra que juventude também pode ser medida pela capacidade de transformar, de olhar para o futuro e de inspirar. E é exatamente isso que a entidade tem feito: conectar os avicultores de Minas Gerais a um horizonte de mais oportunidades, mais inovação e mais reconhecimento. ■

DOXIGRAM ST

DOXICICLINA • SULFAMETAZINA • TRIMETOPRIM



ALIVIRA

- Maior espectro de **ação** e **efetividade**
- Melhor **biodisponibilidade**
- Maior **eficácia sistêmica**

alivira.com.br



[/alivirabrasil](https://www.instagram.com/alivirabrasil)

BAIXE AGORA A CALCULADORA ALIVIRA







ESTRESSE TÉRMICO

O DESAFIO INVISÍVEL QUE AMEAÇA A PRODUTIVIDADE
NA SUINOCULTURA

GLAUCIA BEZERRA

especial para a Revista Feed&Food

À primeira vista, o inverno pode parecer um aliado. Sem o calor intenso do verão, a rotina na granja torna-se mais amena para trabalhadores e animais. No entanto, o frio traz um desafio importante para a suinocultura brasileira: o desequilíbrio térmico. Mais do que causar desconforto, as baixas temperaturas representam um custo técnico, fisiológico e econômico que expõe limitações de instalações inadequadas e obriga os suinocultores a repensarem seus manejos.

Segundo o doutor em Zootecnia e pesquisador da Embrapa Suínos e Aves, Osmar Dalla Costa, o maior desafio dos produtores durante o inverno é manter os animais dentro da chamada zona de conforto térmico — um intervalo de temperatura ideal que varia conforme a fase de desenvolvimento do suíno. “Todo suíno, em qualquer etapa, precisa estar em uma zona de conforto. Isso garante bem-estar e desempenho zootécnico”, afirma. Porém, quan-

do os termômetros despencam e as amplitudes térmicas aumentam, esse equilíbrio se rompe com facilidade.

Instalações mal adaptadas ao frio, sobretudo nas fases de maternidade e creche, expõem os animais a temperaturas inadequadas. Os leitões recém-nascidos, por exemplo, precisam de aquecimento constante, com o ambiente em torno de 28 a 30 °C. Já as fêmeas em lactação apresentam melhor desempenho em temperaturas mais amenas, próximas a 20 °C, pois consomem mais ração e, conseqüentemente, produzem mais leite. “A média é uma variável ingrata”, resume o pesquisador, lembrando que cada categoria exige um manejo térmico específico e não é possível ficar preso a uma única regra.

O IMPACTO DO FRIO VAI ALÉM DO DESCONFORTO. Suínos expostos a baixas temperaturas tendem a se aglomerar, o que reduz a movimentação em busca de alimento e água. A energia que deveria ser usada pa- ▶

ra ganho de peso e desenvolvimento é desviada para manter a temperatura corporal. “Eles gastam energia para aquecer o corpo, e não para ganhar massa muscular. Isso compromete o desempenho e, no caso das matrizes, pode até afetar o tamanho e o peso das leitegadas”, alerta.

Outro agravante é a amplitude térmica – a variação brusca entre a madrugada e o meio-dia. Em algumas regiões, o ambiente externo pode variar de 2 °C nas primeiras horas da manhã a até 30 °C à tarde. Essa oscilação constante gera estresse térmico, prejudica o bem-estar dos animais e dos funcionários e abre espaço para doenças, principalmente as respiratórias. No inverno, é observado um aumento nos casos de pneumonia em frigoríficos e maiores gastos com tratamento de problemas respiratórios nas granjas. Isso ocorre com humanos e com os suínos.

O fechamento das instalações, comum nos meses frios, também traz efeitos colaterais. Com menor ventilação, a concentração de gases nocivos, como amônia e dióxido de carbono, aumenta – deteriorando ainda mais a qualidade do ambiente e favorecendo infecções respiratórias. “É um efeito cascata: frio, menos ventilação, mais gases, mais doenças. E tudo isso se reflete no bolso do produtor e nos indicadores técnicos da granja”, resume Dalla Costa.

Diante desse cenário, o pesquisador da Embrapa reforça a importância do planejamento das instalações, já considerando tanto o aquecimento quanto o resfriamento. “Na hora de construir, tem que pensar nas demandas térmicas de cada fase produtiva. O maior inimigo da suinocultura é o calor, sim. Mas o frio – especialmente quando acompanhado de variações bruscas – compromete gravemente o bem-estar, o desempenho e a sanidade dos animais”.

Além do controle de ventilação, o pesquisador destaca a importância de observar a umidade interna da granja. “No inverno, como os animais bebem menos água, a umidade relativa tende a cair. Mas se o produtor exagerar na vedação, essa umidade pode subir demais, favorecendo o acúmulo de gases como amônia, o que afeta o trato respiratório dos suínos”, explica.



“TODA VARIAÇÃO BRUSCA – FRIO, CALOR OU AMPLITUDE TÉRMICA – AFETA A PRODUÇÃO DE PROTEÍNA ANIMAL, NO BRASIL E NO MUNDO”

OSMAR DALLA COSTA É DOUTOR EM ZOOTECNIA E HÁ 40 ANOS ATUA NAS ÁREAS DE PESQUISA DA EMBRAPA SUÍNOS E AVES

A recomendação é buscar um equilíbrio: manter o ambiente protegido do frio, mas ainda com ventilação suficiente para garantir a qualidade do ar.

Outro cuidado fundamental nessa época do ano é com o piso. Como os suínos passam mais tempo deitados, o contato com superfícies frias pode favorecer problemas como lesões cutâneas ou maior susceptibilidade a doenças. Tapetes térmicos, maravalha, palha ou qualquer tipo de material que sirva como isolamento ajudam muito nesse conforto térmico.

Nas granjas com animais mais jo-

vens, como leitões desmamados, a atenção deve ser redobrada. “Eles ainda não têm o sistema termorregulador totalmente desenvolvido. Então, se o ambiente não estiver bem aquecido, isso afeta diretamente o crescimento e o consumo”, alerta.

TECNOLOGIA E GESTÃO NO COMBATE AO FRIO. O investimento em estratégias de controle térmico envolve custos, reconhece o pesquisador, mas ele reforça que esses gastos são compensados pela manutenção do desempenho zootécnico e pela redução das perdas causadas por doenças respiratórias, que são comuns no período frio. “É mais barato prevenir do que tratar. E mais inteligente também”, enfatiza.

Além do conforto, os cuidados com a ambiência no inverno impactam diretamente os resultados produtivos. “Um suíno estressado pelo frio come menos, cresce menos e pode adoecer mais. Isso significa prejuízo para o produtor. Cuidar da ambiência é, acima de tudo, uma estratégia de produtividade”. Por isso, o produtor deve assumir uma pos- ▶

LeanVac

A melhor opção é a liberdade de escolha



Controle dos níveis de androstenona e escatol



Eficácia e segurança



Produtividade sem risco

Viva novos caminhos de forma eficaz e segura com **LeanVac**, a nova escolha para imunocastração.

ourofino.com

ourofino
saúde animal



tura ativa na observação do lote e no ajuste das condições ambientais, especialmente em granjas com estruturas mais simples. “A tecnologia ajuda, mas o olho do produtor ainda é o principal sensor da granja”, reforça.

Ainda, segundo o Dalla Costa, o avanço mais significativo nestas situações está na automatização da ambiência das instalações, cada vez mais comum nas ampliações e modernizações da suinocultura brasileira.

Entre as mudanças mais adotadas, destaca-se a substituição dos antigos telhados de barro ou cimento por telhas metálicas com sistema “sanduíche” de isolamento térmico, que fazem diferença relevante na ambiência. Ele também ressalta o uso crescente de sistemas automáticos de climatização, não apenas em maternidades e creches, mas também em áreas de gestação e terminação, inclusive em regiões mais quentes.

A viabilidade desses sistemas tem crescido graças à instalação de geradores movidos a biogás, produzido a partir dos próprios dejetos dos animais. Além disso, a queda nos custos dos sistemas de energia solar tem estimulado produtores a gerar sua própria eletricidade, permitindo o uso mais intenso dos equipamentos sem elevar os gastos com energia.

Com isso, a suinocultura brasilei-

NA SUINOCULTURA, O INVERNO É MAIS DO QUE UMA ESTAÇÃO. É UM TESTE PARA A INFRAESTRUTURA, PARA O MANEJO E PARA O ENTENDIMENTO FISIOLÓGICO DE UM ANIMAL QUE, COMO OS HUMANOS, TAMBÉM BUSCA CALOR, CONFORTO E SAÚDE

ra caminha para se tornar uma cadeia altamente eficiente e sustentável. “Nada se desperdiça”, afirma o pesquisador da Embrapa. Os dejetos viram energia ou adubo, e até mesmo os animais que eventualmente morrem podem ser reaproveitados em sistemas de biogás.

Para enfrentar o frio nas granjas, a principal recomendação é clara: “O olho do dono engorda o suíno.” Estar atento às variações térmicas, especialmente em períodos de maior instabilidade climática, é o primeiro passo.

Hoje, é possível antecipar-se às mudanças de temperatura por meio de tecnologias simples, como aplicativos de celular e previsões do tempo disponíveis na internet. “Você já sa-

be a previsão dos próximos dias, as amplitudes térmicas, e até a temperatura prevista para as duas, seis ou dez da manhã. Com isso, consegue manejar melhor o sistema de cortinas e proteger os animais”, explica.

Mesmo em granjas sem sistemas automatizados, o manejo correto das cortinas contribui para melhorar a ambiência. Além disso, é fundamental observar sinais clínicos comuns durante o inverno, como tosse, espirros e debilidade. Outro ponto de atenção no frio é o acúmulo de gases dentro das instalações, muitas vezes causado pelo excesso de dejetos nas ca-lhas. “No inverno, é comum entrar numa instalação e sentir dificuldade para respirar. Isso pode ser excesso de gases por cortinas muito fechadas ou por falta de limpeza. O produtor precisa ficar atento a isso”, alerta.

Por fim, o pesquisador destaca que os cuidados diários fazem toda a diferença no desempenho dos lotes. “Se você vê um animal debilitado, não pode deixar para depois. Identifique, marque, acompanhe e avalie se precisa medicar ou chamar o veterinário.” Segundo ele, todas essas orientações estão nos manuais de produção e nas cartilhas das granjas — o desafio está em colocá-las em prática no dia a dia. “Está tudo escrito. Só falta executar”, conclui. ■

Topigs Norsvin

celebra os campeões
do Melhores da
Suinocultura Agriness



Prêmio Melhores da Suinocultura Agriness 2024 consagrou a força da gestão, inovação e genética de alto desempenho.

A Topigs Norsvin se orgulha em ser parceira de quem transforma dedicação em resultados.

1º LUGAR

Granja Becker
acima 3000 matrizes

36,69 DFA

2º LUGAR

Granja Persch
301 a 500 matrizes

37,46 DFA

3º LUGAR

Granja Vista Alegre
acima 3000 matrizes

34,47 DFA

Juntos, impulsionamos a evolução da suinocultura brasileira.

 **Topigs Norsvin**

CONSTRUINDO O BOI INTEGRAL

MODELO DE PRODUÇÃO BASEADO EM **BEM-ESTAR, SUSTENTABILIDADE E QUALIDADE**,
UNE TRADIÇÃO FAMILIAR E INOVAÇÃO NA PECUÁRIA DE CORTE

ARIOSTO MESQUITA, DE NHANDEARA (SP)

Especial para a Feed&Food

Chega a ser positivamente surreal. Qualquer um que adentra a Fazenda Recanto Vó Cidinha, em Nhandeara (SP), no Oeste Paulista, percebe, de imediato, que se trata de um lugar especial, diferente, comprometido com harmonia e carregado de energia. Logo no acesso para o confinamento, a placa de identificação avisa: “Santuário Bovino”. Há oito anos era “SPA Bovino”. Possivelmente deve ser ajustado para “SPA

Santuário Bovino”. De qualquer forma, está dado o recado ao visitante: você está entrando em um espaço de relaxamento, bem-estar e de harmonia entre o homem, o animal e o meio ambiente. É onde o pecuarista Antonio Ricardo Sechis (66 anos) constrói o que ele chama de “Boi Integral”. O trabalho é baseado na “integralidade”, conceito que busca a compreensão do indivíduo como um todo, considerando seus aspectos físicos, mentais, sociais, emocionais e espirituais,

além de seu contexto social e cultural.

Parece um tanto quanto subjetivo “e na verdade é, mas se sustenta”, garante o produtor. Talvez fique um pouco mais claro ao tentar compreender a “integralidade” aplicada à pecuária. O conceito sugere uma produção que considere um conjunto de fatores como bem-estar animal, gestão ambiental, sustentabilidade, viabilidade econômica e qualidade final.

“O importante é que tudo isso leve a um bom resultado prático. Em nossa caminhada conseguimos valores agregados importantes em nos-



sos produtos”, complementa. Mas antes de detalhar isso, é conveniente conhecer sobre quem estamos falando e compreender o mecanismo de trabalho e suas particularidades.

Ricardo e seus três filhos (Amália, Júlia e Ricardo Sechis) são proprietários do grupo Agro Passion, detentor da marca Beef Passion, que oferece cerca de 50 cortes bovinos considerados de alta qualidade e valor agregado, envolvendo cruzamentos entre as raças Nelore, Angus e Wagyu. Entre sua clientela estão 65 hotéis e restaurantes em São Paulo, dentre eles Emiliano, Maní, Donna, Kotori e Arturito, este último dos sócios Paola Carosella e Benny Goldenberg.

O Wagyu se refere a quatro raças de gado criadas no Japão (Negra, Castanha, Shorthorn e Polled). Alguns o consideram uma espécie de “caviar” entre as carnes, tal a qualidade final que tende a oferecer. É um dos bovinos que melhor deposita gordura intramuscular (necessitando um manejo diferenciado, por vezes), também chamada de marmoreio, por conferir à carne um visual semelhante ao mármore. A Agro Passion adquire sêmen da raça Negra. “Recentemente comprei 500 doses do touro Embate, da Semex Brasil. Cada uma custa R\$ 45, mas consegui por R\$ 23 em função da parceria que temos”, conta.

EM MS E SP. Desde pequeno, Antônio Ricardo Sechis teve ligação com a pecuária. Nasceu em 1959 no próprio município de Nhandeara (distante 510 km da capital paulista), perto do abatedouro municipal, e cresceu ouvindo do pai (Sr. Amadeu) que o “boi é um animal sagrado”. Entre seus 15 e 18 anos, enquanto cursava o então segundo grau (hoje ensino médio) trabalhou no açougue do irmão mais velho, Noriel. “Lá comecei a entender que o diferencial de qualidade da carne passava, entre outras coisas, pela raça do animal, manejo e nutrição”, lembra.

Quando se casou, em 1984, a esposa, Vanda, recebeu herança do pai e os dois decidiram construir um primeiro confinamento para 100 animais. Em 1992 a decisão foi de também criar e recriar e, com o tempo, novas terras foram adquiridas até a atual configuração. Dentre as diversas conquistas, o grupo até hoje comemora o



fato de ter sido, em 2015, “a primeira marca de carne bovina brasileira 100% sustentável certificada internacionalmente pela *Rainforest Alliance*”.

Atualmente, a etapa de trabalho com o animal na propriedade em Nhandeara, no oeste paulista, se refere apenas ao seu período de terminação (uma pequena área de recria será criada no segundo semestre deste ano), que dificilmente ultrapassa a 30% da sua vida. A parte de cria (a pasto, com *creep feeding* e elevado apuro genético) e recria (a pasto com suplementação) está concentrada em quatro outras fazendas da Agro Passion, em Mato Grosso do Sul: três em Alcinoópolis (Cabaça, Bom Sucesso e Rodanesechis) e uma em Cassilândia (Cantinho do Céu). Elas oferecem uma área de desfrute total de 4.800 ha. Assim que os animais são recriados, embarcam para uma viagem de seis horas até o “Santuário”.

Em Mato Grosso do Sul, Ricardo vem tecnificando cada vez mais sua estrutura para oferecer o melhor possível aos animais e fortalecer seu ne-

gócio. Uma das novidades na propriedade em Cassilândia é a irrigação: “Conseguimos outorga para quatro pivôs. Já instalamos um que cobre 147 ha. Sob ele, estamos cultivando soja verão e milho segunda safra junto com braquiária. Dessa forma, após a colheita do cereal, em junho, a área do pivô se torna pastagem até a próxima semeadura da safra de verão, geralmente a partir de outubro. Armazenamos os grãos e vamos usando de acordo com a necessidade. O excedente a gente comercializa”.

Ricardo também produz e estoca, em Nhandeara, grande parte dos ingredientes que usa na dieta de terminação. Em maio deste ano mantinha armazenados em silos bolsa 180 toneladas (t) de milho grão úmido e mais 6.131 t de milho em silos de superfície. Enquanto isso, 95 ha estavam cultivados com sorgo forrageiro em consórcio com braquiária. Após a colheita do cereal (para silagem) em junho, a ideia é que a área seja utilizada co- ►

ANTÔNIO RICARDO SECHIS
E A RELAÇÃO CARINHOSA COM OS SEUS ANIMAIS

mo pasto de inverno e aproveitada para a recria de um lote de 180 animais (1/2 sangue Angus/Nelore), representando uma lotação aproximada de 2 ua's/ha (unidade animal por hectare).

PRODUTOS. A Agro Passion produz hoje dois tipos de animais (maioria fêmeas) de cruzamentos bem distintos: o tricross (25% de sangue Nelore, 25% Angus e 50% Wagyu) e o 1/2 sangue Angus/Nelore (50% cada raça) e atualmente disponibiliza em suas lojas física e virtual (loja.beefpassion.com.br) três linhas de carne Beef Passion. Uma para o meio sangue (Seleto) e duas para o tricross, diferenciadas pelo grau de marmoreio em uma escala de 0 a 10: Reserve (3 a 6) e Supreme (6 a 10). “Esta distinção fazemos de forma visual. Qualquer grau de marmoreio entre 0 a 2 não permite classificação, mesmo que o animal tenha sangue Wagyu”, observa o produtor.

O meio sangue geralmente é terminado com idade entre 24 e 26 meses e peso na casa de 540 kg. Já o tricross vai para a indústria geralmente com 36 meses de idade, em média, pesando aproximadamente 750 kg, segundo o produtor. Desde a década passada, cortes Beef Passion Angus/Nelore podem ser encontrados em lojas da Rede Oba (presente em São Paulo, Goiás e Distrito Federal). Recentemente, esta aliança comercial jogou todo seu foco na aquisição somente de animais do Programa Carne Angus Certificada, uma parceria entre a Associação Brasileira de Angus e a indústria frigorífica, que buscar garantir qualidade e origem.

“Estamos trabalhando com este padrão para a rede. As fêmeas devem ter dois dentes”, avisa, se referindo às novilhas com dois dentes permanentes, equivalente a uma idade entre 18 e 24 meses. “Outro cliente, em Araçatuba, compra da gente e revende cortes em cidades como São José do Rio Preto, São Paulo e Sorocaba nos bonificando a arroba entre 8% e 10% acima do preço de mercado. Já o OBA nos entrega um bônus de 20%”, revela.

Recentemente, Ricardo abriu negociações com a Guídara, empresa de carnes nobres com sede em Americana (SP). “Fizemos dois abates e o pessoal gostou muito. Quer uma remessa mensal de 25 animais *tricross*. Estamos ajustando produção e escala para atender esta demanda”, revela.



NO CONFINAMENTO. COBERTO NAS ÁREAS DE COCHO. PNEUS USADOS E RECORTADOS, FUNCIONAM COMO COÇADORES PARA ANIMAIS *TRICROSS* - CRUZAMENTO NELORE (25%), ANGUS (25%) E WAGYU (50%)

Na loja física da Beef Passion – Rua Barão de Tatui, 229, Vila Buarque, São Paulo (SP) – é possível ter ideia do valor agregado dos cortes. O Denver (Denver Steak), por exemplo, retirado do miolo do Acém (Aguilha), era vendido no início de maio deste ano a R\$ 530/kg (linha Reserva) chegando a R\$ 1.030/kg (linha Supreme). “Conseguimos valorizar muito o dialeto. Esse corte, em especial, é aquele que mais avançou em termos de demanda e preço. Caiu no gosto do consumidor. É mais fácil ‘sobrar’ Bife de Chorizo do que Denver”, garante Ricardo.

MÚSICA E ‘FUTEBOL’. Os cuidados na produção estão presentes em todas as etapas de vida do animal, mas é na finalização dele, no oeste paulista, que é possível visualizar, de for-

tando produção e escala para atender esta demanda”, revela.

Na loja física da Beef Passion – Rua Barão de Tatui, 229, Vila Buarque, São Paulo (SP) – é possível ter ideia do valor agregado dos cortes.

ma mais concentrada, as particularidades do trabalho de construção do Boi Integral. Em um olhar pouco atento ou mais linear, o menos avisado pode até ignorar alguns aspectos ou mesmo compreender algumas rotinas como exageros. Ricardo garante que não são. Ele próprio tem a sua, quase um ritual, graças a uma estrutura que mantém na fazenda. As 6 da manhã pratica natação “faça frio ou calor”, emenda com exercícios na academia e, antes de um reforçado café da manhã, por vezes visita a capela que ele, de origem católica, construiu em uma área antes ocupada por um parque infantil. “Gosto da minha solidão e o espaço me permite pensar exclusivamente em coisas boas”, justifica.

No “Santuário”, alguns procedimentos são comuns a boa parte dos confinamentos, como os períodos de trato e a limpeza das baias. Outros já sinalizam significativa preocupação com nutrição e bem-estar animal. É o caso de cobertura de cocho ao longo das cinco linhas, totalizando 700 me-

tros de extensão. Além de oferecer sombra, reduz o risco de perda de alimentos, principalmente por chuvas.

Ainda no quesito bem-estar, um sistema de climatização, com cinquenta pontos de saída, segundo o produtor, é acionado sempre que as temperaturas chegam a patamares que possam afetar o desempenho animal. É feito por aspersão na primeira linha de cocho, onde ficam os animais de sangue Wagyu, naturalmente mais sensíveis ao calor.

O ambiente do confinamento é sonorizado com apoio de caixas de som (12 no total) espalhadas pelos principais pontos da estrutura da primeira linha de cocho. Mais do que isso, as *playlist* são cuidadosamente escolhidas para colaborar com um ambiente de paz e tranquilidade, priorizando estilos como a música clássica, jazz e blues. Estudos já indicaram que estresse libera hormônios que podem influenciar na maciez da carne. Durante a visita da **Feed&Food** ao “Santuário”, a boiada comia e ruminava ao som de composições do cantor e trompetista norte-americano, Louis Armstrong. “Um dos critérios é sempre respeitar a sensibilidade auditiva dos animais, priorizando o relaxamento”, pontua Ricardo.

Por mais de uma década, o “Santuário” vem procurando oferecer condições cada vez mais agradáveis para que os animais entreguem o melhor possível em rendimento. Já ofereceu, por exemplo, massageadores na forma de sacos de areia pendurados nas baias. Recentemente eles foram substituídos por pneus usados, recortados e suspensos, que funcionam como coçadores.

O espaço também oferece seu momento de recreação. Quase sempre ao final da tarde a equipe da fazenda promove o “futebol” nas baias. Uma bola grande de plástico, reforçada, é disponibilizada para os animais. Por vezes o próprio homem se integra ao processo para estimular a ação dos bovinos. Sempre que é possível, o próprio Ricardo participa da atividade.

O envolvimento do pecuarista com seus animais é tão forte e afetivo que, por vezes, cria um vínculo inabalável a ponto de a “sentença de morte” ser comutada. Hoje Ricardo mantém no grupo três machos que ali devem ficar até morrerem por alguma causa, menos o abate. Um deles é João do



Coração, batizado assim por carregar uma mancha branca na testa com o formato de coração. Trata-se de um meio sangue Angus/Nelore hoje na casa de 25 meses de idade. É uma espécie de animal agregador e referência no grupo na relação com o homem. “A aproximação com o ser humano é uma necessidade dele próprio”, garante o produtor enquanto recebia chamego e lambidas de João.

ANTONIO RICARDO SECHIS MOSTRA CORTES BEEFPASSION TRICROSS WAGYU EM SUA PROPRIEDADE, EM NHADEARA (SP)

INTEGRALIDADE. Desafiado pela **Feed&Food** a conceituar verbalmente o Boi Integral em até 10 segundos, Ricardo não gastou a metade desse tempo: “É a melhor equação entre homem, boi e meio ambiente”. Mais à frente, completou: “desde que tenhamos consciência de potencializar isso com harmonia”.

Ele diz entender o Boi Integral como uma evolução na forma de pensar e conduzir a pecuária moderna, ou seja, um produto ancorado aos princí-

ACESSO AO “SANTUÁRIO BOVINO”, CONFINAMENTO DA AGRO PASSION, ONDE SÃO TERMINADOS OS ANIMAIS DA MARCA DE CARNE BEEF PASSION

pios de sustentabilidade, de bem-estar social e de eficiência. “É uma curva de aprendizado que nos leva a um maior nível de consciência. O resultado final é um animal mais doce, com boa dose de resignação e equilíbrio emocional. Sem referências negativas, nunca vai ter comportamento inadequado. As coisas só se elaboram da melhor forma possível dentro de um conjunto de fatores. Veja, por exemplo, como são preparados os melhores vinhos: existe toda uma metodologia, cuidados ambientais e tempo de maturação. Essa é uma boa referência que me ajudou a compreender a integralidade”, compara.

Esta conceituação é oriunda de diversas fontes. O ponto de referência, segundo ele, se materializou em 2018: “A construção do Boi Integral partiu de um livro que meu filho me instigou a ler: ‘Visão Integral’, de Ken Wilber. Depois, entre 2021 e 2022, cursei pós-graduação em bem-estar animal e fiz um curso de inteligência emocional”.

Ricardo é daqueles homens que podem ser qualificados como ‘inquietos inovadores’, ‘dinâmicos reformadores’, ‘arrojados destemidos’ ou mesmo se tornar alvo de adjetivos de menor reputação por parte de algum desavisado. “Caso eu tenha de acordar hoje para fazer a mesma coisa de ontem, prefiro não acordar”, dispara. Indagado sobre o Boi Integral e sua relação com o mercado, ela não hesita: “Hoje se precifica muito a carne pelo nível de marmoreio; no futuro será pela integralidade. Tenho certeza disso”. ▶

DIETA DE TERMINAÇÃO BEEF PASSION PODE REDUZIR EM 17% A EMISSÃO DE METANO

UM ESTUDO comparativo entre a dieta base de terminação de bovinos praticada no Estado de São Paulo com a dieta atualmente oferecida aos bovinos confinados da Beef Passion, indicou que o modelo nutricional adotado em Nhandeara pode fazer com que seus animais emitam 17% menos gás metano. A avaliação foi feita pela equipe da Nutron/Cargill, parceira do grupo já há alguns anos, e apresentada no dia 6 de

maio deste ano. A empresa escolheu o “Santuário” para mensurar o potencial de mitigação das emissões, no Brasil, de um novo aditivo: o SilvAir, constituído basicamente por nitrato de cálcio.

O metano (CH₄) é um gás de efeito estufa considerado de alta contribuição para o aquecimento global. Estudos sinalizam que seu potencial de efeito na atmosfera é superior de 25 a 80 vezes ao dióxido de carbono (CO₂). “As emissões de CH₄ entérico são responsáveis por 68,2% das emissões totais de gases de efeito estufa (GEE) da agricultura, o que, de acordo com a Agência de Proteção Ambiental dos EUA (EPA, 2021), contribui com 9,6% do total de GEE induzidos pelo homem ao mundo. O gado de corte é responsável por 4,6% dos lançamentos de CH₄ entérico dentro das emissões totais de GEE no mundo”, atualiza a engenheira agrônoma e coordenadora de Pesquisa em Bovinos de Corte da Nutron, Andressa Scholz Berça.

Mesmo considerando os 4,6% um recorte “pequeno”, a cientista entende que

é expressivo, sobretudo no contexto de opinião pública: “A gente vem tomando chute por todos os lados. Nosso papel é reduzir a participação da pecuária”.

Nesta avaliação comparativa, ela estimou como dieta base (convencional) para a bovinocultura paulista a seguinte mistura: gérmen de milho (30%), milho seco moído (23,4%), casca de soja (23%), bagaço de cana (16,6%), farelo de amendoim (3,5%) probefee confinement (2,4%) e ureia (1%).

Já a dieta Beef Passion de terminação contou com gérmen de milho (30%), silagem de milho (21%), milho grão úmido (12,9%), milho seco moído (11,3%), soja grão (4,9%), farelo de amendoim (3,5%), probefee choice (2,4%), SilvAir (1,4%) e ureia (0,6%).

O funcionamento do aditivo SilvAir no animal é explicado por Andressa: “Quando adicionado à nutrição animal na dose adequada, ele estimula um processo natural no rúmen, convertendo hidrogênio em amônia que, de outra forma, se transformaria em metano”.

A próxima etapa de avaliação caminha para uma pesquisa aprofundada, de caráter científico, junto aos bovinos no confinamento da Beef Passion. Segundo o zootecnista Fernando Parra, franqueado da Nutron/Cargill no Oeste Paulista, a se confirmar o uso eficiente na redução de metano dentro de seu sistema produtivo, isso pode ajudar a pavimentar o Boi Integral. “Apresentamos ao Ricardo a possibilidade de usar em algumas baias ou mesmo em todos os animais. Diante dos resultados,

FERNANDO PARRA
(NUTRON/CARGILL),
ANDRESSA BERÇA
(NUTRON/CARGILL)
E **ANTONIO RICARDO**
SECHIS (AGRO
PASSION)

NA NUTRIÇÃO,
A BUSCA POR
UMA COMPOSIÇÃO
QUE REDUZA AS
EMISSÕES DE
METANO SEM
PREJUDICAR O
RENDIMENTO
ANIMAL

uma das ideias seria, em conjunto com a Beef Passion, desenhar uma marca/embalagem informando o nível de redução de metano que a carne carrega”.

Ricardo põe fé no resultado, mas revela seu lado cauteloso: “Pretendo levar esta ideia para quem vende nossa carne, como a Rede OBA. Precisamos avaliar juntos se é possível obter valor agregado. Por mais que tenhamos preocupação com a redução de emissões, isso tem custo e é necessário entender que retorno o mercado pode nos dar”. ■



Probeef[®]

Nutrição completa para pasto, semiconfinamento e confinamento.

The diagram illustrates the nutritional needs of a cow across three stages of its life cycle, each supported by specific Probeef products:

- CRIA (Reproduction):** Includes **PROBEEF[®] REPRODUÇÃO SECA** (dark red), **PROBEEF[®] PROTEIPEC CRIA** (orange), and **PROBEEF[®] DESMAMA ANTECIPADA** (yellow).
- RECRIA (Growth):** Includes **PROBEEF[®] NITRO TOPMOST** (dark red), **PROBEEF[®] NUTRIPEC BOIÃO** (orange), and **PROBEEF[®] PROTEIPEC** (yellow).
- ENGORDA (Fattening):** Includes **PROBEEF[®] START X** (dark blue) and **PROBEEF[®] LYT** (dark blue).

Each stage is represented by a cow in a field with bags of the corresponding Probeef product in the foreground.

Probeef[®] é a marca de nutrição para bovinos de corte da Nutron | Cargill. Oferecemos soluções nutricionais completas, além de ferramentas digitais que apoiam a gestão e a tomada de decisão no campo.



PROPRIEDADE NO PARANÁ FATURA ALTO AO FLEXIBILIZAR PECUÁRIA INTENSIVA

TRABALHANDO COM PASTEJOS “EM FAIXAS”, “ULTRADENSO” E “ROTACIONADO”,
FAZENDA PRIMAVERA, EM SANTA MÔNICA (PR), PRODUZ MÉDIA GERAL
DE 18@/HA E OBTÉM LUCRO LÍQUIDO DE R\$ 1.350/HA/ANO

ARIOSTO MESQUITA



Aos 33 anos, Gabriel Botelho de Souza Barros já tem experiência na pecuária. Desde seus tempos de faculdade, aos 20, ele toca a Fazenda Primavera, de ciclo completo, em Santa Mônica, PR, propriedade de 1.420 hectares (ha) de área total herdada da família e onde ele decidiu apostar na alta intensificação para produção de carne bovina. Mas ao contrário de se fixar em um modelo específico, o agrônomo, formado na Unoeste (Presidente Prudente, SP), prefere diversificar, aumentando ou reduzindo a pressão de lotação e o tamanho das áreas de pastejo conforme a necessidade e seus objetivos.

Até 2020 ele trabalhava exclusivamente com pastos rotacionados, ferramenta intensiva que funciona com uma praça de alimentação geralmente ao centro de um grupo de piquetes. A partir daí, ele separou algumas áreas e acrescentou padrões de pastejos em faixas e ultradensos, modelos que usam cerca elétrica móvel com fios eletroplásticos para delimitar áreas a serem pastejadas. Só essa mudança, segundo ele, elevou sua produtividade geral em quase 40%.

“Com o rotacionado, eu conseguia entregar até 13 arrobas (@)/ha na fazenda toda. Na safra que fechamos agora, vamos produzir 18@/ha, caminhando para desembolso total por arroba de R\$224. Considerando a arroba comercializada na média de R\$300, isso equivale a R\$75 de lucro/@/produzida. Portanto, estamos falando de um resultado operacional líquido de R\$ 1.350,00/ha/ano”, revela. Para efeito comparativo, a produtividade média da bovinocultura de corte brasileira em 2023 foi estimada em 4,77 @/ha/ano.

O uso de pastejos em faixa e ultradensos começou a ser adotado por Barros na safra 2020/2021 depois que ele acompanhou, por quase três anos, o trabalho executado pela Fa-

zenda Santa Nice, em Amaporã (PR), propriedade que consolidou o uso de práticas regenerativas que envolvem manejos sustentáveis de pasto.

Seu primeiro projeto foi em uma área de 68 ha coberta por braquiária Ruziziensis e com irrigação estratégica (sobretudo em veranicos) por canhão. “Já passaram por lá quatro lotes de novilhas precoces. Recentemente coloquei 300 novilhas para rodar. Entraram com peso médio de 240 kg e saíram, 12 meses depois, com 420 kg, representando um ganho de 180 kg por animal. Portanto estamos falando de 54.000 kg. Con-

siderando um rendimento de carcaça de 50%, fazemos 1.800 @ em uma área de 68 ha, o que dá uma produtividade de 26 @/ha/ano”, avalia.

Para chegar a estes números, Barros está sempre disposto a mudar o manejo se a situação exigir. Segundo ele, as fêmeas saem da desmama diretamente para o ultradensos, com lotação sempre superior a 1.000 ua (unidade animal = 450 kg de peso vivo)/ha. “Abaixam a cabeça e vão comendo. Mas a partir do momento em que faço diagnóstico de gestação, transfiro as novilhas prenhas para um pastejo em faixas a par- ▶



GABRIEL BOTELHO DE SOUZA BARROS
TOCA A FAZENDA PRIMAVERA, DE CICLO COMPLETO, EM SANTA MÔNICA, PR

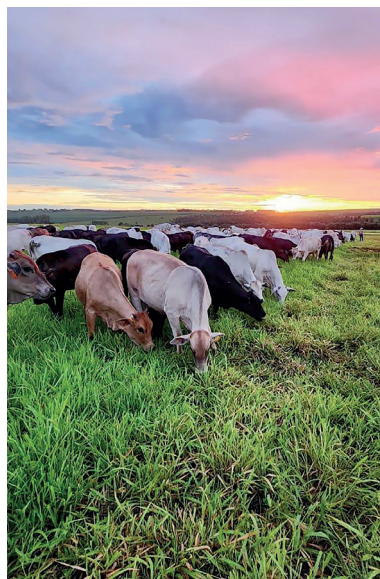


tir de 150 ua's/ha. Não posso pressionar. Se uma fêmea dá uma pancada em outra, posso perder a prenhez. Além disso, não permito parir uma novilha a quatro metros de outra fêmea. Isso tende a dar problema. O bezerro pode ser pisoteado”, explica.

Este ajuste é feito transferindo os animais para uma área mais ampla e onde ficarão por mais tempo em pastejo. “Vamos trabalhar com um exemplo: se fazemos oito trocas/dia em um piquete de 0,3 ha no ultradenso, precisaremos de um piquete de 2,4 ha para o pastejo em faixa, com uma troca diária”, esclarece.

Esta alternância também acontece considerando o período chuvoso e os meses mais secos. “Faço ultradenso durante oito a nove meses. O restante do ano trabalho com pastejo em faixa. Agora (março), por exemplo, estamos trabalhando com faixas. O objetivo não é fazer com que o animal coma toda a planta pois preciso ter estoque para fazer silagem para o inverno. Necessito manter pelo menos 30% da forrageira após o pastejo. Além disso, hoje tenho só um funcionário para cuidar de 1.400 cabeças divididas em cinco lotes. Os demais estão cuidando do confinamento, da adubação e da roça de mandioca. Portanto, sem mão-de-obra e tempo hábil, tenho de ajustar para obter o melhor resultado possível”, explica.

De uma forma mais didática, Barros busca explicar como ele difere os dois modelos em termos de ocupação de espaço na propriedade: “Em ambos eu trabalho com áreas de mesma largura de pastejo. O que muda é comprimento a ser liberado no momento



das trocas. No ultradenso posso fazer isso com 20 metros e no pastejo em faixas com 160 metros, por exemplo”.

Dos 1.420 ha de área total, a Fazenda Primavera conta com 1.100 ha produtivos, sendo 780 ha de pastos para a pecuária de cria, recria e engorda e 320 ha para o cultivo de mandioca. Os demais 36 ha estão ocupados por estruturas, estradas e corredores. O rebanho médio por safra é de 3.200 cabeças com abate médio de 68%. A terminação tem apoio de confinamento com capacidade estática para 600 animais e dois giros/ano. De acordo com Barros, 50% dos pastos funcionam com o modelo rotacionado. A outra metade é ajustada para ultradenso ou em faixas, dependendo da época do ano, condições e necessidades. “Não vendo ideologia e nem penso só em pasto. Preciso ter receita por hectare”, justifica o pecuarista.

ENTENDA MELHOR

PASTEJO ROTACIONADO CONVENCIONAL

Um lote de animais é levado de um pasto/piquete para outro (mínimo de dois) respeitando altura de entrada e saída da forrageira. Geralmente conta com uma praça de alimentação onde o animal encontra água e suplementos. Na Fazenda Primavera, cada área ocupa pouco mais de 12 hectares e a troca é feita, a cada três dias, a depender do tamanho do lote.

PASTEJO EM FAIXAS

Lote de animais avança gradualmente (em faixas) dentro de uma área de pasto, respeitando a movimentação de uma cerca móvel. Neste modelo, a Fazenda Primavera troca a área de ocupação dos animais uma vez ao dia e considera uma lotação instantânea (relação entre número de animais e área de pasto ocupada em um determinado momento) a partir de 150 ua's/ha até o limite de 999 ua's/ha.

PASTEJO ULTRADENSO

Mais intensivo do que o pastejo em faixas, exigindo boa estrutura de cerca móvel, consumo de forrageira em áreas bem pequenas (piquetinhos) e por curtíssimo período. A Fazenda Primavera considera como ultradenso pastejo uma lotação instantânea a partir de 1.000 ua's/ha e média de oito trocas de área/dia. A alta densidade tende a levar o animal a uma mudança de hábito de pastejo, passando a comer de forma não seletiva. Modelo vem ganhando adeptos, mas não é isento de críticas sobretudo quanto a bem-estar animal e necessidade de estudos mais aprofundados. ■

EMPRESAS DE **INGREDIENTES, ADITIVOS E FORMULAÇÕES** PARA A INDÚSTRIA DE NUTRIÇÃO ANIMAL E RAÇÃO EM GERAL

SEU LUGAR É AQUI!

16-18 SETEMBRO 2025

EXPO CENTER NORTE - PAVILHÃO BRANCO
SÃO PAULO, BRASIL

2 EVENTOS EM 1



FEED FORMULATION
LATIN AMERICA 2025

EM PARALELO COM



SEJA UM EXPOSITOR!

Entre em contato para reservar o seu Stand!

VEJA COMO FOI A ÚLTIMA EDIÇÃO



CRENCIAMENTO GRATUITO



victamlatam.com
feedformulationlatam.com.br

+55 11 93536-7785
victamlatam@interlinkexhibitions.com
feed@interlinkexhibitions.com

PROJETOS SANITÁRIOS E HIGIENIZAÇÃO SÃO PILARES NA INDÚSTRIA CÁRNEA

ESPECIALISTAS DO **EHEDG BRASIL** DESTACAM OS PRINCIPAIS DESAFIOS DO SETOR DE PROTEÍNA ANIMAL NA IMPLEMENTAÇÃO DE OPERAÇÕES SEGURAS E EFICAZES DE LIMPEZA E DESINFECÇÃO

CAMILA SANTOS

camila@dc7comunica.com.br

Com a crescente demanda por alimentos seguros e a pressão por eficiência operacional, a higiene no processamento de carnes assume papel central na indústria de proteína animal. Para Marisa Padula, engenheira de alimentos e chair do EHEDG Regional Brasil do Ital - Instituto de Tecnologia de Alimentos, os desafios vão desde a infraestrutura das plantas até o treinamento das equipes. “Considerando que os produtos cárneos são altamente suscetíveis ao crescimento microbiológico, é fundamental que todas as etapas do processo – do pré e pós-abate ao acondicionamento – estejam estruturadas para minimi-

zar riscos de contaminação”, afirma.

Segundo Marisa, a correta integração entre projeto sanitário, equipamentos e ambiente é decisiva para garantir a segurança do produto. “Precisamos de uma visão abrangente de todo o ambiente produtivo. Equipamentos com design inadequado, superfícies de difícil acesso e sistemas de drenagem mal projetados dificultam as operações de limpeza e aumentam o risco microbiológico. A higienização eficaz depende de projetos bem pensados e de equipes capacitadas”, completa.

Na prática operacional, as diretrizes técnicas do EHEDG contribuem para transformar esse cenário. Da-

nielle Ito, cientista de alimentos e integrante da coordenação de eventos da entidade no Brasil, explica que os guias orientam a indústria sobre como tornar os equipamentos e ambientes mais limpos e seguros. “A facilidade de limpeza como pilar do projeto sanitário assegura procedimentos eficazes mesmo diante de interferências. Isso reduz os riscos de contaminações biológicas, químicas ou físicas e ainda melhora a sustentabilidade das operações”, ressalta.

Ela aponta que, além da segurança, há ganhos operacionais importantes. “A redução na geração de resíduos e no acúmulo de sujidade permite aumentar os tempos de ciclo produ-”

vo e diminuir paradas para limpeza, o que se reflete em menor consumo de água, energia e produtos químicos”, diz Danielle. O desafio, segundo as especialistas, é alinhar conhecimento técnico com investimento em estrutura e cultura de prevenção – requisitos essenciais para garantir alimentos seguros e processos sustentáveis na cadeia cárnea.

AVANÇOS NÃO SÃO APENAS TEÓRICOS.

Em diversas plantas industriais que adotaram o projeto sanitário com base nas diretrizes do EHEDG, os resultados são concretos e mensuráveis. “Há casos em que o consumo de água em operações de limpeza foi reduzido pela metade, ao mesmo tempo em que se obteve uma maior estabilidade microbiológica nos produtos processados”, destaca Danielle Ito. A especialista ressalta ainda que linhas assépticas que seguem rigorosamente os princípios do projeto higiênico não enfrentam problemas recorrentes com biofilmes, o que reforça a confiabilidade da operação.

Outro exemplo prático envolve as linhas de produtos de baixa atividade hídrica, que passaram a operar com limpeza a seco de forma mais ágil e com menor necessidade de mão de obra. “Além de otimi-



MARISA PADULA,
ENGENHEIRA DE
ALIMENTOS E CHAIR
DO EHEDG REGIONAL
BRASIL DO ITAL

zar o tempo de produção, essas melhorias ajudam a evitar o travamento de equipamentos e reduzem os riscos de contaminação”, observa Ito. Em linhas refrigeradas, o impacto também se reflete na extensão do shelf life dos produtos, que permanecem seguros por mais tempo devido ao controle mais eficaz da carga microbiológica.

A adoção das diretrizes do EHEDG também traz benefícios de longo prazo, especialmente no que se refere à durabilidade dos equipamentos. “O impacto é direto porque o projeto sanitário considera todo o ciclo de vida do equipamento – da seleção de materiais à instalação e validação do processo”, explica Marisa. Esse cuidado garante compatibilidade com os produtos processados e os procedimentos de limpeza, reduzindo desgastes prematuros e prolongando a vida útil dos sistemas.

Apesar dos avanços e da existência de exemplos bem-sucedidos, a implementação das diretrizes do EHEDG ainda enfrenta desafios importantes no Brasil. Segundo as especialistas, a adesão em larga escala é limitada, variando conforme o perfil e o posicionamento das empresas no mercado. “As multinacionais já aplicam as diretrizes como política corporativa global, e isso se reflete nas unidades brasileiras. Já entre as empresas locais, o cenário é mais heterogêneo, com iniciativas relevantes em algumas companhias menores e resistência em outras, inclusive de grande porte”,



DANIELLE ITO
É CIENTISTA
DE ALIMENTOS
E INTEGRANTE
DO ITAL

analisa Marisa Padula. Um dos principais entraves à difusão das boas práticas é a percepção equivocada de que o

projeto sanitário representa um custo elevado, sem retorno claro. No entanto, a avaliação do Custo Total de Propriedade (TCO) ao longo do ciclo de vida de um projeto mostra que o investimento traz não apenas retorno financeiro direto, mas também ganhos em segurança de alimentos e sustentabilidade. “O que falta muitas vezes é enxergar além do investimento inicial. A médio e longo prazo, os benefícios são comprovados e consistentes”, reforça Danielle Ito.

No Brasil, o EHEDG tem sua sede regional no Instituto de Tecnologia de Alimentos, em Campinas (SP), o que tem sido fundamental para a promoção e difusão do conhecimento técnico. A entidade realiza treinamentos oficiais, conduzidos por instrutores autorizados e baseados em materiais didáticos desenvolvidos por um grupo internacional de especialistas do EHEDG. Essa estrutura assegura a qualidade do conteúdo e a consistência das aplicações práticas no setor industrial.

Além dos treinamentos, o EHEDG disponibiliza diretrizes técnicas e conta com diversos grupos de trabalho dedicados ao aperfeiçoamento contínuo das práticas de projeto sanitário. “O acesso a esse conhecimento e a possibilidade de participar de fóruns técnicos é um diferencial importante para empresas que buscam evoluir em suas práticas higiênicas e operacionais”, conclui Marisa. ■

TERRITÓRIO EM EVIDÊNCIA

AGRO BRASILEIRO SE REPOSIÇÃOA COMO **MODELO ESTRATÉGICO DE SUSTENTABILIDADE**

CAROLINE MENDES

caroline@dc7comunica.com.br

Em meio às incertezas geopolíticas e às disputas comerciais globais, a agropecuária brasileira tem diante de si uma rara oportunidade: sair da retaguarda e assumir o protagonismo como referência mundial em produção sustentável. Esta foi a tônica da apresentação de Gustavo Spadotti, chefe-geral da Embrapa Territorial, durante a reunião de maio da ASBRAM. “A COP 30 não será apenas da Amazônia ou do Brasil — será uma COP do clima, e pre-

cisamos mostrar o que fazemos com clareza e contundência”, pontuou.

Para Spadotti, não basta apenas participar do evento. O país tem legitimidade para liderar a agenda climática com base em dados sólidos e prática de campo. “Enquanto outros ainda projetam transições, nós já vivemos sistemas produtivos de baixo carbono no cotidiano da fazenda”, destacou. Segundo ele, cabe ao Brasil não apenas reivindicar espaço, mas se posicionar como ben-

chmark internacional, com argumentos técnicos, métricas mensuráveis e compromisso com resultados.

Ao apresentar os projetos da Embrapa Territorial, o pesquisador ressaltou que o país tem uma das maiores proporções de áreas preservadas do mundo: dois terços do território nacional são cobertos por vegetação nativa. “Isso não é discurso, é dado. Está mapeado. E mesmo assim apanhamos publicamente por narrativas desconectadas da realidade”, sublinhou.





AMBIENTE DE TROCA E ESTRATÉGIA: REUNIÃO DA ASBRAM DESTACA O PROTAGONISMO DO AGRO BRASILEIRO DIANTE DOS DESAFIOS GLOBAIS

SUSTENTABILIDADE COM LASTRO. Spadotti reforçou que não se trata de propaganda, mas de construir uma comunicação baseada em ciência, números auditáveis e soluções reais. Ele mostrou, por exemplo, como projetos apoiados pela Embrapa Territorial identificaram e quantificaram os estoques de carbono nos cinturões citrícolas de São Paulo e sul de Minas. “Descobrimos que os pomares de laranja neutralizam o equivalente às emissões de uma cidade do porte de São Paulo”, revelou.

Mais do que isso: com uso de armadilhas fotográficas e estudos de biodiversidade, foram registradas espécies da fauna ameaçadas de extinção vivendo entre os espomares — inclusive a onça-pintada, topo da cadeia alimentar. “Produção e conservação não apenas convivem, mas se complementam. Nosso desafio agora é fazer isso ser reconhecido lá fora, com a mesma força com que enfrentamos as exigências externas”, enfatizou.

CLIMA E MERCADO SOB TENSÃO. Enquanto Spadotti reforçava a potência territorial brasileira, Paulo Molinari trouxe à discussão os elementos que moldam o presente e o futuro dos mercados agrícolas. “Vivemos um momento sensível, em que clima, câmbio e geopolítica se cruzam como peças de um xadrez que muda a cada rodada”, ana-

lisou o consultor da Safras & Mercado.

Molinari alertou que, embora os preços estejam sob pressão, o plantio recorde nos Estados Unidos — especialmente de milho e soja — ainda não garante colheita. “Plantio não é safra. Julho será decisivo para definir produtividade e preço. Qualquer instabilidade climática no verão americano pode gerar reações agressivas em Chicago”, sinalizou.

Do lado cambial, o especialista chamou atenção para a valorização do real diante de uma arbitragem mais atraente com a alta da Selic. “Câmbio valorizado pode favorecer a compra de insumos, mas exige atenção redobrada para as próximas jogadas de política monetária e eleitoral”, comentou.

OPORTUNIDADE E AÇÃO COLETIVA. Além da análise de dados e mercado, um sentimento comum permeou os debates: o agro brasileiro precisa sair do discurso reativo e assumir uma comunicação mais propositiva e estruturada. “Não podemos mais pregar só para os convertidos. É hora de virar tendência, sensibilizar a ponta, criar massa crítica”, afirmou Spadotti, ao dialogar com representantes da indústria presentes na reunião.

A ideia de coletividade também foi levantada como chave para o avanço. “O agro ainda é muito fragmentado. Se cada um continuar fa-

lando por si, ninguém será ouvido com a força necessária”, observou. Nesse ponto, a ASBRAM foi provocada a liderar essa construção: mobilizar dados, padronizar discursos, envolver os 14 mil técnicos que atuam nas pontas das propriedades e transformar conhecimento em influência.

COMUNICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA

Valorização da agropecuária precisa de narrativa estruturada e investimento constante

DIANTE do reconhecimento internacional dos avanços ambientais do país, o desafio agora está em traduzir esses feitos para o público urbano, para os formadores de opinião e, principalmente, para os mercados compradores. A presença da imprensa especializada na reunião e os exemplos de como outras cadeias produtivas — como a do Citrus — estão conseguindo comunicar seus diferenciais reforçaram a urgência de profissionalizar o discurso da pecuária.

Como bem resumiu um dos participantes: “Nós já fizemos a lição de casa ambiental. Agora, precisamos contar essa história do jeito certo”. ■

TAKE 3: DA IDEALIZAÇÃO À TRANSFORMAÇÃO

FUNDADA EM 2003, A **COOMAPEIXE** SURGE COMO RESPOSTA AOS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PISCICULTORES DA REGIÃO E HOJE É REFERÊNCIA EM ORGANIZAÇÃO E GERAÇÃO DE RENDA PARA OS COOPERADOS

CAMILA SANTOS, DE TIMBÓ (SC)

camilla@dc7comunica.com.br

Cravada no Vale do Itajaí, na região conhecida como Vale Europeu de Santa Catarina, em meio a uma natureza que integra o potencial sustentável da aquicultura, surge, no início do século 21, a história da Coomapeixe – Cooperativa Mista Agrícola de Piscicultores, com sede em Timbó (SC). Fruto de uma inquietação pessoal transformada em mobilização coletiva, Roger Krambeck, presidente e um dos fundadores da cooperativa, desenhou o

futuro da atividade tendo como referência os anos de dificuldades enfrentadas pelos piscicultores da região e da sua família, que atua no turismo de pesca há mais de três décadas. “Havia falta de estímulo, orientação técnica e grandes dificuldades de comercialização, além de prejuízos com calotes generalizados aos produtores”, afirma.

Formado em engenharia civil, Roger vislumbrou uma solução estrutural para os desafios da cadeia da piscicultura: o cooperativismo. A par-



tir de articulações com piscicultores, associações e secretarias municipais de agricultura da região, foi construída uma proposta sólida de organização do setor. “A forma que se enquadrou nos nossos objetivos foi o cooperativismo, como forma de organizar e solucionar os problemas daqueles produtores”, destaca.

Após um processo de mobilização que durou cerca de um ano e meio, a Coomapeixe foi oficialmente fundada em 20 de novembro de 2003 com 21 sócios. A iniciativa reuniu desde pequenos produtores até empresários locais, unificados pela visão de transformar a piscicultura em uma atividade economicamente viável. “A adesão foi além do esperado, com apoio de piscicultores e empresários de peso, que enxergaram no projeto uma oportunidade de diversificação de renda e fortalecimento da cadeia produtiva”, explica.

Desde sua fundação, a Coomapeixe se estruturou com foco em gestão e resultados. A cooperativa nasceu com diretoria e gerenciamento profissional, já com metas claras: implantar um frigorífico, conquistar o abate próprio e comercializar diretamente seus produtos. “Desde o primeiro dia, a proposta foi ter uma organização administrativa, e não apenas uma associação. Só assim conseguimos alcançar os objetivos grandiosos que tínhamos desde o início”.

A busca por um padrão elevado de qualidade, especialmente voltado ao mercado institucional, foi um dos pilares da evolução da cooperativa. Com foco na merenda escolar, a Coomapeixe estabeleceu critérios rigorosos no processo de filetagem, priorizando a retirada manual de espinhas para garantir a segurança alimentar de crianças e jovens. “Nosso conceito é não passar espinha. Trabalhamos com merenda escolar, então temos essa responsabilidade, e os demais clientes também se beneficiam desse cuidado”, destaca o dirigente.

Mesmo sem a automação completa da linha de produção, o frigorífico da cooperativa atingiu um nível de eficiência que permitiu cres-

ROGER KRAMBECK
COM O PRODUTO
QUE SUSTENTA A
COOPERATIVA:
A TILÁPIA



cimento contínuo. De uma tonelada por semana no início das atividades, a estrutura atual alcança dez toneladas por semana, com potencial para até 30 toneladas, conforme o avanço da demanda e da capacidade operacional: Progresso que reflete au-

mento de produção e fortalecimento da organização e de sua equipe.

A sede atual da cooperativa, inaugurada em setembro de 2023, opera com dois diretores liberados para a atividade e onze colaboradores contratados. Apesar das limitações de investimento, a operação se consolidou com mão de obra qualificada e estrutura própria, com etapas manuais que permitem maior controle de qualidade. “Temos esteira, máquina de tirar couro, mas o restante é manual. É o que conseguimos estruturar com os recursos que tínhamos”, explicou.

MERENDA ESCOLAR COMO LOCOMOTIVA. A introdução da tilápia na merenda escolar em Timbó (SC), ainda em 2004, marcou o início de uma transformação no consumo de pescado no Estado. A ação, realiza- ►

da em parceria com a Coomapeixe, envolveu desenvolvimento nutricional e aprovação sanitária e educacional, e logo inspirou outros municípios. Com o tempo, a experiência local foi reconhecida em nível estadual, culminando na aprovação de uma lei que tornou obrigatória a inclusão do peixe na alimentação escolar.

O fortalecimento do programa ocorreu também com a obrigatoriedade da aquisição de alimentos da agricultura familiar para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que passou a destinar 30% dos seus recursos a esses produtores. Para os piscicultores cooperados, isso

COM ESTRUTURA ENXUTA, EQUIPE COOMAPEIXE PREZA PELA QUALIDADE DA FINALIZAÇÃO DOS PRODUTOS

significou a consolidação de um mercado institucional confiável, com pagamento justo e prazos definidos. Atualmente, cerca de 30% da produção da cooperativa local é destinada à merenda escolar, representando uma fonte importante de receita.

Mais do que um mercado, o fornecimento de pescado à rede pública de ensino também contribui para a formação de novos hábitos alimentares. “Conseguimos desenvolver o objetivo de ensinar por que comer peixe. Formar cidadãos com hábito de se alimentar de forma saudável e quebrar paradigmas do consumo”, destaca o representante da cooperativa, ao mencionar a importância social de levar proteína de qualidade a estudantes de menor poder aquisitivo.

Apesar de não operar com exportação, a cooperativa tem buscado ampliar sua presença nacional por meio do SISBI, mirando novos mercados dentro do país. Segundo o dirigente, o foco está em oferecer soluções para os cooperados regionais, com inovações como o corte V da tilápia — hoje padrão no mercado — e uma estratégia de crescimento consciente e sustentável. “Nunca pensamos em ser os maiores, mas sim em atender bem o produtor inserido na nossa realidade”, informa.

CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL E FOCO NO COOPERADO. Ao comentar a estratégia de crescimento da cooperativa, o dirigente destacou que o objetivo não é simplesmente expandir a produção, mas sim garantir mercado para o que



é produzido. “A gente não faz o inverso. Não é produzir tudo para depois jogar no mercado, tentando baixar o custo. A lógica aqui é cooperado bem remunerado, com a cooperativa atendendo seus objetivos e consolidada com seus clientes regionais”, explica. A proposta, segundo ele, é clara: “Vamos dar um passo após o outro para alcançar novos patamares.”

A estratégia tem dado resultados concretos. A cooperativa saltou de um faturamento anual de R\$ 800 mil com a planta inicial para R\$ 4,5 milhões no fechamento de 2024. “Nossa meta é chegar a R\$ 6 ou até R\$ 7 milhões ainda este ano, com esses clientes parceiros”, revela. Segundo o di-

COOPERATIVA SALTOU DE UM FATURAMENTO ANUAL DE R\$ 800 MIL COM A PLANTA INICIAL PARA R\$ 4,5 MILHÕES NO FECHAMENTO DE 2024

rigente, esse crescimento com base sólida é motivo de orgulho, especialmente quando se apresenta esse cenário ao cooperado em assembleia.

A estrutura física construída ao longo dos anos é reflexo do capital social formado de forma coletiva. “Temos hoje cerca de R\$ 5 milhões em capital

investido, que começou do zero, com aportes de R\$ 200 ou R\$ 300 que cada um foi colocando. É fruto direto do trabalho de 21 anos da cooperativa, sempre reinvestindo as sobras no próprio negócio. Essa política de reinvestimento, historicamente adotada, garante a estrutura atual sem endividamento e com viabilidade demonstrada já no primeiro ano da nova unidade”, relata.

De acordo com Roger, para os cooperados, o principal objetivo continua sendo a boa remuneração na venda da matéria-prima, segurança nos pagamentos e garantia de agendamento para o escoamento da produção. “Hoje a cooperativa se consolidou oferecendo essas três garantias. Isso atraiu novos interessados a ponto de não conseguirmos absorver todos. O mercado enfrenta muitos problemas de calote, atravessadores e indústrias que quebram e transferem o prejuízo ao produtor. A nossa proposta é exatamente na contramão disso”, afirma.

Base social fortalecida e expansão planejada - Desde sua fundação, a cooperativa tem como premissa o envolvimento direto dos produtores em sua estrutura de governança. O Conselho Fiscal, por exemplo, é composto por sócios fundadores que participaram da criação da entidade, junto com outros cerca de 20 cooperados. “Temos de 12 a 14 sócios fundadores ainda ativos, e os demais foram aderindo ao longo dos anos. Hoje, contamos com um quadro de cerca de 28 a 30 cooperados ativos, número que varia por conta das entradas e saídas voluntárias”, explicou o dirigente.

A adesão à cooperativa segue os princípios do cooperativismo, sendo voluntária e avaliada conforme a capacidade operacional. “A gente não adere de forma expansiva. A entrada de novos cooperados depende do nosso desenvolvimento e da capacidade de abate. O objetivo é garantir a absorção da produção do cooperado. Se não temos essa garantia, não há razão para expandir indiscriminadamente”, destaca.

Atualmente, a capacidade produtiva da cooperativa gira em torno de 450 toneladas por ano. O volume atende à produção dos cooperados ativos, e por isso não há ampla divulgação para adesão de novos membros. “Nosso foco é garantir que o piscicultor con-

PESQUISA E QUALIFICAÇÃO SE ENCONTRAM NA COOMAPEIXE

Durante visita, reportagem acompanhou ações da Epagri e do Senar na cooperativa

NO MOMENTO em que a reportagem esteve na Coomapeixe, em Timbó (SC), duas ações importantes estavam sendo realizadas simultaneamente na cooperativa: uma visita técnica da Epagri e uma atividade de capacitação promovida pelo Senar. As iniciativas mostram como a estrutura da cooperativa é valorizada tanto para o desenvolvimento tecnológico da piscicultura quanto para a formação dos produtores da região.

Por parte da Epagri, a visita teve como foco o acompanhamento de lotes utilizados como Unidade de Referência Técnica (URT) para o programa de melhoramento genético da tilápia nilótica. A ação, que conta com cruzamentos controlados e análise de DNA de milhares de peixes, busca selecionar animais com melhor desempenho em ganho de carcaça, resistência a

doenças e tolerância ao frio – características adaptadas ao clima do Sul do Brasil. Segundo os pesquisadores, a Coomapeixe participa da validação prática desse material genético nas propriedades rurais.

Já a atividade coordenada pelo Senar envolveu produtores associados e teve como objetivo reforçar conhecimentos técnicos na produção aquícola. Com foco em boas práticas de manejo e sanidade, a capacitação reforça o papel da qualificação contínua como ferramenta essencial para manter a competitividade da piscicultura regional.

A coincidência das duas ações no mesmo dia reforça a importância da Coomapeixe como polo de referência na piscicultura catarinense – tanto na geração de conhecimento técnico quanto na capacitação dos produtores que fazem o setor avançar.




DA ESQUERDA PARA A DIREITA: SILVANO GARCIA, DA EPAGRI, ROGER KRAMBECK, DIRETOR PRESIDENTE DA COOMAPEIXE, E LUCIANO SOUZA, TÉCNICO DE CAMPO DO SENAR

siga colocar sua produção, com valorização, segurança no pagamento e previsibilidade de venda. Se a cooperativa não consegue oferecer isso, não faz sentido trazer mais gente”, completa.

Para ele, esse modelo cauteloso fortalece a estrutura da organização e reforça sua credibilidade entre os

produtores. “A existência de uma lista de intenção para novos ingressos demonstra o interesse crescente no modelo, mas a cooperativa mantém o compromisso de crescimento sustentável, de acordo com as demandas do mercado e a capacidade interna de operação”, encerra o presidente. ■





AQUICULTURA RASTREÁVEL: INOVAÇÃO PARA MERCADOS EXIGENTES

FERRAMENTA GANHA PROTAGONISMO FRENTE ÀS EXIGÊNCIAS INTERNACIONAIS E NACIONAIS POR **TRANSPARÊNCIA, SEGURANÇA E COMPROVAÇÃO DE PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS**; INDÚSTRIA ASSUME PAPEL CENTRAL NA CADEIA

MARCELO MACAUS

jornalistamacaus@gmail.com

A rastreabilidade deixou de ser apenas uma exigência técnica e passou a ocupar papel estratégico no cenário da aquicultura brasileira. Mais do que uma ferramenta de controle, trata-se de um pilar que conecta sustentabilidade, segurança alimentar, acesso a mercados e confiança do consumidor. Foi com essa abordagem ampliada que Anderson Luís Alves, pesquisador e supervisor da área de negócios da Embrapa Digital (Campinas), abordou o tema durante o IFC Amazônia, realizado em Belém, Pará.

Segundo o especialista, a rastreabilidade desponta como instrumento fundamental para dar visibilidade aos indicadores de sustentabilidade – especialmente diante de um ambiente regulatório em transformação e de consumidores cada vez mais atentos à origem dos alimentos. “Não é mais

uma demanda exclusiva do mercado europeu. O Brasil também já sinaliza a incorporação de critérios de sustentabilidade ao crédito rural e aos financiamentos produtivos. Nesse contexto, a rastreabilidade é um ativo estratégico”, afirma Anderson Alves.

Historicamente associada a altos custos operacionais, principalmente nas primeiras tentativas de implementação com blockchain em redes varejistas globais, a rastreabilidade agora é compreendida como um investimento. “A lógica mudou. Hoje, a tecnologia está mais acessível e é vista como alavanca para abrir mercados, melhorar a imagem da marca e, sobretudo, gerar confiança”, explica o pesquisador.

A nova legislação europeia antidesmatamento, que afeta diretamente sete cadeias agropecuárias brasileiras, é um exemplo emblemático. “Sem comprovação de que o produto não vem ▶

de área desmatada, não há acesso ao bloco europeu. A rastreabilidade é a chave para essa comprovação”, alerta.

Ainda assim, pesquisas revelam que o consumidor brasileiro, em geral, desconhece o conceito de rastreabilidade e não está, a princípio, disposto a pagar mais por ele. Em levantamentos citados por Anderson, mais de 70% dos entrevistados declararam não saber o que significa o termo ou não ter preferência por alimentos rastreados.

“Isso revela um gargalo de comunicação. Não basta implementar sistemas, é preciso comunicar ao consumidor o que está sendo feito, com linguagem clara e acessível. Quando compreendida, a rastreabilidade agrega valor, principalmente por estar associada à segurança do alimento e à transparência.”

Ainda conforme o pesquisador, o consumidor tende a valorizar marcas que agem proativamente diante de inconformidades. “Quando uma empresa retira um produto voluntariamente do mercado, a percepção é de responsabilidade. Quando há apreensão por fiscalização, a imagem é negativa. Esse contraste mostra que rastreabilidade também é construção de reputação.”

INDÚSTRIA COMO PROTAGONISTA. Na cadeia produtiva, ainda é comum a confusão entre registros sanitários e rastreabilidade propriamente dita. Anderson esclarece que a rastreabilidade não é só até a porteira da indústria. Ela só existe de fato quando o consumidor final pode acessar as informações da cadeia. E o caminho inverso também deve ser possível: se houver um problema, deve-se poder rastrear o lote até a origem.

A Lei do Autocontrole, sancionada em 2022, trouxe avanços nesse sentido, ao responsabilizar os estabelecimentos registrados no serviço de inspeção pela implementação da rastreabilidade. No entanto, a ausência de normativas específicas ainda é um entrave à padronização.

Outro desafio é o modelo de cobrança atual: varejistas frequentemente exigem rastreabilidade dos produtores sem oferecer contrapartidas financeiras. “É um modelo que penaliza o elo mais frágil da cadeia. A indústria deve assumir a responsabilidade de oferecer a solução tecnológica ao produtor, de forma integrada, e não apenas repassar obrigações sem retorno.”



SISTEMA NACIONAL E PADRONIZADO. Como resposta a essas lacunas, a Embrapa desenvolveu o Sistema Brasileiro de Agrorastreabilidade, focado na padronização mínima de dados e na rastreabilidade efetiva entre todos os elos da cadeia – da origem ao consumidor final. “Nosso sistema já está em operação em cadeias como arroz, carne e pescado. Por meio de QR Codes nas embalagens, o consumidor pode acessar informações confiáveis sobre origem geográfica, laudos laboratoriais, certificações e práticas adotadas na produção”, explica Anderson.

À medida que o setor aquícola avança em digitalização e integração de dados, a rastreabilidade tende a evoluir para sistemas ainda mais inteligentes, preditivos e conectados. O uso de blockchain, inteligência artificial e sensores IoT permitirá registrar, antecipar riscos sanitários e ambientais, promover ajustes em tempo real e oferecer ao consumidor

“ QUANDO UMA EMPRESA RETIRA UM PRODUTO VOLUNTARIAMENTE DO MERCADO, A PERCEPÇÃO É DE RESPONSABILIDADE. QUANDO HÁ APREENSÃO POR FISCALIZAÇÃO, A IMAGEM É NEGATIVA. ESSE CONTRASTE MOSTRA QUE RASTREABILIDADE TAMBÉM É CONSTRUÇÃO DE REPUTAÇÃO ”

ANDERSON LUÍS ALVES, PESQUISADOR E SUPERVISOR DA ÁREA DE NEGÓCIOS DA EMBRAPA DIGITAL (CAMPINAS)

final uma linha do tempo precisa do alimento desde a origem. Além disso, iniciativas nacionais de padronização e incentivo à certificação digital devem ganhar corpo, criando um ecossistema interoperável e valorizando ainda mais o pescado brasileiro no mercado global. ■



CARTA DE BELÉM PAUTA A AQUICULTURA E PESCA NA COP30

A COP 30 que será realizada em Belém, Pará, em novembro deste ano, é o maior encontro de chefes de estado para tratar das questões do clima. Tema que vem preocupando o mundo com eventos climáticos cada vez mais extremos e de consequências cada vez mais imprevisíveis, colocando em risco a vida no planeta. A mudança da matriz energética fundada no petróleo, do padrão de consumo vigente, a preservação das florestas, dos rios e oceanos e o desenvolvimento de atividades sustentáveis são caminhos inexoráveis para reversão do quadro atual e grandes desafios para os governos e para a sociedade.

Nesta perspectiva, a produção de pescado se apresenta como uma alternativa de produção de proteína de origem animal que pode contribuir de forma significativa para a sustentabilidade. A Carta de Belém, elaborada durante o IFC Amazônia e que será encaminhada aos organizadores da COP30, defende a tese de que a produção de pescado, pelos seus atributos intrínsecos ligados à sustentabilidade, deve ser tratada como uma atividade produtiva estratégica para o planeta e para a Amazônia.

Segundo a Carta de Belém, “A aquicultura e pesca, além de contribuir de forma crescente para alimentar a população mundial, tem um grande potencial de redução do impacto sobre o clima e na retomada do caminho do desenvolvimento sustentável. A produção de pescado é uma atividade de baixo carbono, tem baixas emissões de gases de efeito estufa, podendo até sequestrar carbono da atmosfera. É também a mais eficiente do ponto de vista da quantidade de alimento necessária para produzir 1 kg proteína, ou seja, com menor quantidade de alimento, produz mais proteína”.

A Carta defende também que a produção de pescado é uma excelente alternativa de geração de trabalho, emprego e renda para os mais de 30 milhões de habitantes que vivem na Amazônia, assegurando a preservação da floresta. “A Amazônia abriga a maior reserva de água doce superficial do mundo, contém espécies com grande

potencial aquícola, clima propício o ano inteiro, alto consumo de pescado e familiaridade com a atividade. A Amazônia tem potencial de transformar-se em um grande polo mundial de produção de pescado, mantendo a integridade da floresta”.

E conclui defendendo ações estruturantes e investimentos nacionais e internacionais no seu desenvolvimento. A Carta propõe:

1. A inclusão da Aquicultura e Pesca como atividade estruturante e estratégica para o desenvolvimento da região amazônica nas ações de governos, órgãos de fomento e órgãos financiadores, como atividade de baixo carbono, para a produção de alimentos e geração de trabalho, emprego e renda e preservação da Floresta;

2. A inclusão da Aquicultura e Pesca no Fundo Clima, como atividade de baixo carbono, visando o acesso à condições diferenciadas de financiamento para impulsionar o seu desenvolvimento;

3. A implementação de ações alicerçadas em um plano de longo prazo para o desenvolvimento da Aquicultura e Pesca na região amazônica, como: Inovação e transferência de tecnologia na cadeia produtiva; formação e capacitação profissional; diagnóstico, ordenamento territorial, gestão e fiscalização dos recursos pesqueiros; sustentabilidade econômica, social e ambiental como eixo norteador; investimentos na cadeia produtiva e em marketing dos produtos; fomento ao associativismo e cooperativismo e a uma Indústria forte e competitiva.

A Carta de Belém conta com a participação direta das entidades do setor de aquicultura e pesca, que a subscrevem, e, que a torna um instrumento valioso em defesa da atividade e da sua inclusão na agenda da COP30. Na sequência, em reunião durante a Seafood Expo Global em Barcelona, tratamos do tema com o Ministro da Pesca, André de Paula e com o Diretor de Pesca da FAO, Manoel Barange, visando somar esforços para a inclusão do assunto na agenda principal da COP30. Estamos alinhados e tenho certeza que seremos vitoriosos. ■



Altemir Gregolin
Médico-veterinário,
Mestre em Desenvolvimento Rural e Políticas Públicas, Professor da FGV, Consultor e Ex Ministro da Pesca



OS RECORRENTES DESAFIOS E AS REAIS PERSPECTIVAS DA CARCINICULTURA MARINHA BRASILEIRA

ITAMAR ROCHA

Os equívocos do governo brasileiro (Mapa e MPA), que vem contribuindo para colocar em risco um dos setores mais estratégicos, camarão marinho cultivado, do agronegócio da Região Nordeste do Brasil, pelas equivocadas autorizações de importações de camarões cultivados, de países com histórico de doenças virais e bacterianas, de notificação obrigatória pela WOAH (OIE), trazendo insegurança, afastan-

do investidores e apoios financeiros.

Nesse contexto, merece chamar a atenção, o fato de que, em 2003, o Brasil produziu (90.190 t) e exportou (58.455 t), mais camarão cultivado do que o Equador (78.500 t / 58.011 t), ocupando a liderança mundial de produtividade (6.083 kg/há/ano) e, a liderança das exportações de camarão cultivado das Américas, bem como, o 1º lugar das importações de camarão pequeno médio dos EUA, o 2º lugar

das exportações do setor primário da Região Nordeste e o 1º lugar (55%) das exportações do setor pesqueiro brasileiro. Assim como, em 2004, ocupou o 1º lugar das importações de camarão tropical da União Europeia, chegando a se destacar como o mais promissor segmento produtivo da Região Nordeste (FGV /Grupo Monitor, 2002).

No entanto, o que se verificou entre 2004-2024, foi uma tentativa de desmonte dessa atividade tão promissora, que utilizando as abundantes águas marinhas, estuarinas, salobras e oligohalinas, de uso insignificante, inclusive, impróprias para o consumo humano, sem depender de chuvas e sem ciclos de produção definidos, não recebeu os apoios necessários, mesmo contribuindo para o estabelecimento de uma nova ordem econômica, criando vida com dignidade, inclusive no semiárido nordestino, na sua maioria, composta por micros e pequenos (85%) produtores, que sem qualquer investimento público, está promovendo a reversão do seu famigerado êxodo rural.

Nesse sentido, para uma melhor avaliação da importância do camarão

cultivado, para a transformação das desigualdades rurais do Nordeste, em oportunidades de negócio, emprego e renda, se apresenta uma análise comparativa, do desempenho das “exportações do Agronegócio” de “10 Estados (RO, CE, PE, AL, AM, RN, RJ, AP, PB e SE)” do Brasil (2.389.456 km²; 2.913 km de Costa e US\$ 5.867.930.113,00), em comparação com as exportações (US\$ 6.068.447.480,00), apenas de camarão cultivado, do Equador (256.370 km² e 600 km de costa), em 2024.

Por outro lado, quando se considera que a China, maior produtora de camarão marinho extrativo e 2º produtora mundial de camarão cultivado, já ocupa a liderança das importações mundial setorial (916.597 t / US\$ 6,0 bilhões), seguida pelos EUA (762.804 t / US\$ 6,0 bilhões), UE (376.868 t / US\$ 3,9 bilhões e Japão (207.082 t / US\$ 2,0 bilhões), fica evidente a importância e as oportunidades que se descortinam para o Brasil, em cuja Região Nordeste, que conta com razoável infraestrutura, energia elétrica, eólica, solar e, uma posição geográfica privilegiada, se produz (99%) do camarão cultivado do Brasil, com condi-

ções de competitividade inigualáveis.

No entanto, o que se verificou entre 2004-2024, foi uma tentativa de desmonte dessa atividade tão promissora, que utilizando as abundantes águas marinhas, estuarinas, salobras e oligohalinas, de uso insignificante, inclusive, impróprias para o consumo humano, sem depender de chuvas e sem ciclos de produção definidos, não recebeu os apoios necessários, mesmo contribuindo para o estabelecimento de uma nova ordem econômica, criando vida com dignidade, inclusive no semiárido nordestino, na sua maioria, composta por micros e pequenos (85%) produtores, que sem qualquer investimento público, está promovendo a reversão do seu famigerado êxodo rural.

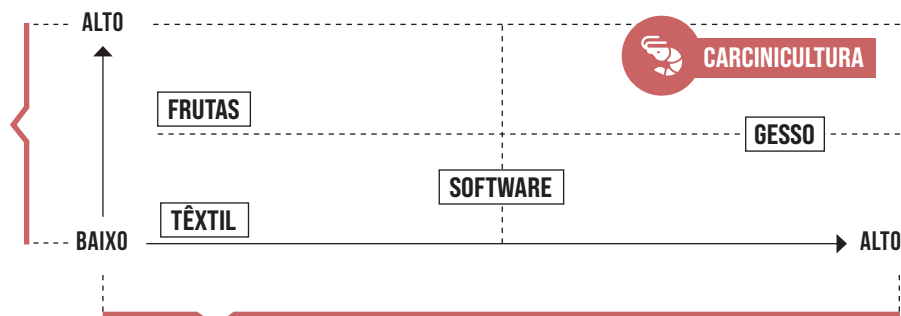
Nesse sentido, para uma melhor avaliação da importância do camarão cultivado, para a transformação das desigualdades rurais do Nordeste, em oportunidades de negócio, emprego e renda, se apresenta uma análise comparativa, do desempenho das “exportações do Agronegócio” de “10 Estados (RO, CE, PE, AL, AM, RN, RJ, AP, PB e SE)” do Bra- ►

CLUSTER

MATRIZ DE PRIORIZAÇÃO - PONDERAÇÃO QUANTITATIVA

IMPACTOS DOS RESULTADOS

- Gerar empregos
- Gerar renda
- Aumento de exportações
- Atrair outras empresas
- Atrair investimentos
- Modelos para outros clusters



NÍVEL DE COMPROMETIMENTO

- Ação
- Aprendizagem
- Cooperação
- Financeiro
- Desejo Político

Fonte: SUDENE/Ministério Interior (Fundação Getúlio Vargas e Grupo Monitor, 2002)

sil (2.389.456 km²; 2.913 km de Costa e US\$ 5.867.930.113,00), em comparação com as exportações (US\$ 6.068.447.480,00), apenas de camarão cultivado, do Equador (256.370 km² e 600 km de costa), em 2024.

Por outro lado, quando se considera que a China, maior produtora de camarão marinho extrativo e 2º produtora mundial de camarão cultivado, já ocupa a liderança das importações mundial setorial (916.597 t / US\$ 6,0 bilhões), seguida pelos EUA (762.804 t / US\$ 6,0 bilhões), UE (376.868 t / US\$ 3,9 bilhões e Japão (207.082 t / US\$ 2,0 bilhões), fica evidente a importância e as oportunidades que se descortinam para o Brasil, em cuja Região Nordeste, que conta com razoável infraestrutura, energia elétrica, eólica, solar e, uma posição geográfica privilegiada, se produz (99%) do camarão cultivado do Brasil, com condições de competitividade inigualáveis.

Na verdade, o momento atual da carcinicultura marinha mundial, cujo continuado crescimento, com base nos avanços da genética, dos benefícios do uso de probióticos, prebióticos e simbióticos, aliado aos reais avanços nutricionais e manejos operacionais, com o uso de IA (Inteligência Artificial), que está se expandindo, desde o processo de arraçamento à despesca, beneficiamento e agregação de valor aos camarões processados, está exigindo cada vez mais, a necessidade de integração entre: ciência, tecnologia e expertise.

Por isso, consciente da importância da carcinicultura brasileira e confrontado com a intempestiva decisão de liberação pelo Brasil, das importações de camarão cultivado do Vietnã, cujos riscos sanitários decorrentes, no que se refere à real introdução de agentes patogênicos exóticos no Brasil, a ABCC, se posiciona frontalmente contrária, pois há décadas, o Brasil vem construindo uma cadeia produtiva, baseada em rigorosos critérios de biossegurança e exclusão de patógenos exóticos, um status essencial para a sua sustentabilidade e proteção dos ecossistemas naturais.

Notadamente, porque o Vietnã, embora reconhecido como um grande produtor de camarão, convive com a ocorrência frequente de vibrioses e viroses, que não ocor-

BRASIL X EQUADOR

DADOS DAS EXPORTAÇÕES (US\$) DO AGRONEGÓCIO DE 10 ESTADOS DO BRASIL, COMPARADO COM AS EXPORTAÇÕES DE CAMARÃO CULTIVADO, DO EQUADOR, EM 2024



Estados	Extensão territorial (km ²)	Km de costa	Valor (US\$)
Rondônia	237.598	-	2.567.712.427
Ceará	148.920	573	523.454.841
Pernambuco	98.149	187	804.273.161
Alagoas	27.848	229	705.386.120
Amazonas	1.559.146	-	304.489.473
Rio Grande do Norte	52.811	410	319.394.735
Rio de Janeiro	43.780	636	220.197.998
Amapá	142.828	598	141.414.588
Paraíba	56.469	117	107.095.061
Sergipe	21.915	163	174.511.709
10 Estados brasileiros	2.389.456	2.913	5.867.930.113

Equador (1.211.645 ton) 256.370 600 6.068.447.480

Fonte: Agrostat, fevereiro/2025; Câmara Nacional Aquicultura - Equador/2025

rem no Brasil: AHPND/EMS – Síndrome da Mortalidade Precoce, YHV – Vírus da Cabeça Amarela, etc, que não ocorrem no Brasil. Mas cuja introdução, causarão impactos sanitários devastadores e irreversíveis.

Pois mesmo se importados na forma de filé, em estado congelado, esses camarões representarão sérios riscos sanitários, uma vez que vírus/vibrioses, sobrevivem ao congelamento, contaminando ambientes através do descarte dos resíduos, efluentes ou manipulação indevida do produto. Inclusive, afetando os crustáceos nativos, desde os siris às lagosta, que são altamente vulneráveis a doenças exóticas.

Pelo que, a introdução de patógenos exóticos no Brasil pode acarretar: Perda de plantéis e prejuízos di-

retos à produção comercial; Aumento de custos com tratamentos e reforço sanitário; Danos ecológicos severos e irreversíveis aos ecossistemas costeiros, com redução da biodiversidade marinha e prejuízos à sua importante pesca artesanal e industrial de crustáceos. Além disso, o setor de carcinicultura nacional contribui com milhares de micros e pequenos negócios, empregando 135.000 trabalhadores na Região Nordeste, sendo estratégica para a economia azul brasileira. ■

Itamar Rocha, Engº de Pesca (1ª Turma do Brasil), CONFEA, Presidente da ABCC, Diretor do DEAGRO/FIESP; Membro Titular do CONAPE; Membro Titular da CSPA/MAPA



20 ANOS DE FEED&FOOD. INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO.

**Revista, Portal de notícias e Newsletter diária:
toda cadeia de proteína animal em uma única plataforma**



CADASTRE-SE
E RECEBA NOSSA
NEWSLETTER

feedfood.com.br

[@](#) [f](#) [in](#) /revistafeedfood

[X](#) /feedfood

XCLUSIVE
FEED & F20D
anos



MARKETING: DECIFRA-ME OU TE DEVORO

“Marketing é criar o que ninguém sabia que queria e encher o mundo das tentações que servem ao bem e ao mal”. O Núcleo Feminino do Agronegócio (NFA) reunido em maio deste ano na Fiesp, convocou as mulheres para debatermos marketing. Afinal o que é, o que não é, como se faz? Para o que e para quem serve?

Decifrar essa expressão anglo-saxônica, a maior invenção dos Estados Unidos, exige ao mesmo tempo sutileza e profundidade. Na apresentação mostramos que no início foi criado um paraíso, mas que ninguém pediu. Foi Deus que inventou. Ele estava monótono e Deus criou Adão. Continuava sem motivação e Deus fez a Eva. Mas ainda assim estava aborrecido, sem vibração. Então vem a tentação: a serpente vende a maçã, o fruto proibido para Adão. Adão come junto com Eva. Deus descobre e os expulsa do paraíso.

Milênios depois Steve Jobs cria a Apple e diz: “Consumidor não sabe o que quer”. Portanto, as senhoras do NFA naquela manhã na Fiesp foram surpreendidas com o fenômeno do sentido de marketing, que é o de auscultar as entranhas humanas, suas almas, seus sonhos, desejos, necessidades ocultas e dar a esses sentimentos realidade. Ninguém pediu uma Disneylândia para Walt Disney, mas lá está escrito: “where the dreams come true” – onde os sonhos viram realidade.

As tentações são benignas, mas também malignas. As fake news, os bullyings e os jogos manipulando desde crianças até aposentados demonstram o lado obscuro do marketing. Porém, o agro tropical brasilei-

ro que também ninguém pedia, mas uma dúzia de brasileiros nessa ideia insistia, os fundadores da Embrapa, por exemplo, onde o ministro Cirne Lima, em 1970, aprovou um plano para mandar mil brasileiros estudarem mundo afora, reunirem o conhecimento do mundo voltarem e o tropicalizarem. E Cirne Lima ainda diz: “mandamos mil pois metade não volta, voltam 300, dos 300 saem 30 ótimos e dos 30 teremos 3 geniais, e com eles pagamos a conta da viagem dos mil”.

O Brasil realizou a revolução criativa dos últimos 50 anos, o agroambiental tropical no mundo. Ninguém queria os suínos híbridos que trouxemos para o país nos meus tempos de Agroceres, início dos anos 1980. Ninguém queria a moderna avicultura com desempenho superior no desmanche do frigorífico. Ninguém queria sementes híbridas de milho, nem as gmos posteriores. Ninguém queria colheita mecânica de café e a moderna pulverização de baixo volume e baixa pressão, onde trabalhei na Jacto dos anos 70 e 80.

Ou seja, o segredo do segredo de marketing é saber e não duvidar que estamos aqui para descobrir aquilo que os “clientes ignoram”, e que ao realizarmos esses produtos e serviços criamos exatamente o que o mercado precisava mas não sabia, e não pedia.

Agora, para vender as inovações é necessário a força das “tentações”, a propaganda, os vendedores e vendedoras, o merchandising nas lojas, e todo um composto inteligente de mídias, não uma só, todas num mix reunindo as competências de cada mídia específica. Por exemplo: aqui na nossa Feed

& Food criamos a educação mais profunda do texto onde o foco explica e gera conhecimento. O papel da revista é o papel de aprofundar valores e competências. Outras mídias têm a missão da velocidade do áudio, da imagem, e todas elas compõem a inteligência dessas ferramentas das “tentações”.

Hoje a interatividade total das redes exige um sistema superior que assegure credibilidade e reputação para as categorias e as marcas, pois a mídia social com fake news e desinformação é considerada o risco número 1 no mundo.

Maria Antonieta, presidente do NFA, é do setor leiteiro e mostramos como uma campanha de estímulo ao aumento do consumo do leite poderíamos fazer trocando a genial ideia dos americanos do “bigodinho” pelo beijo do leite, aquele “splash” dos lábios molhados de branco leitoso.

E para terminar a provocação de todas as provocações é mostrar que marketing tem fórmula, mas passa a ser inexplicável considerar que a roda foi inventada há 10 mil anos e que somente em 1970 alguém teve a ideia de colocar rodas em malas. E isso ainda foi muito mal visto pois se dizia que quem usava malas de rodinha era um fraco, não podia ser chamado de “homem”.

Então bem-vindos ao planeta do impossível, e marketing significa transformar em possível o que a imensa maioria consideraria impossível. Parabéns a Dra. e bióloga Mariângela Hungria, da Embrapa Soja, prêmio mundial da alimentação, ganhamos um Nobel da Agricultura.

Muitos pediram bioinsumos? Havia uma fila, uma comoção do setor gritando por bioinsumos, por extrair nitrogênio de microorganismos? Não. Mas condecoro a Dra. Mariângela Hungria como além de pesquisadora do ano, também na mulher de marketing do ano. Marketing é fazer o que ninguém pediu e transformar sonhos em realidade. Lá no passado distante ninguém pedia uma revista chamada “Chácara e quintais”! Mas ela foi feita e Osvaldo Ciasulli ainda está aqui com a vibrante Feed & Food. Agora precisa vender, senão a inovação não vira uma ótima tentação, do bem. Decifra e vende. ■

■ MAXACTIVAT/_{Zn}

■ MAXACTIVAT/_{Cu}



GUT THE POWER OF ACTIVATED MINERALS!

O poder concentrado dos produtos **MAXACTIVAT/Zn** e **MAXACTIVAT/Cu** os tornam mais efetivos, garantindo uma ótima absorção pelo animal. O resultado? Um efeito antimicrobiano reforçado e uma melhor integridade intestinal. Isso fortalece o sistema imunológico do animal e reduz o risco de diarreia.

provita-supplements.com.br

Distribuído por:

www.vidara.com.br

■ ■ ■ ■ PROVITA
SUPPLEMENTS

Vidara

☎ (11) 3109-2012

Genesys[®]

GENDER SORTING SYSTEM

ESCANEE O
QR CODE
PARA ACESSAR O
FOLHETO DIGITAL
COMPLETO



Male	♂	Female	♀
✓			✗

FLOCK ACCURACY: 97%

PRECISÃO desde o princípio é nossa prioridade,
Ceva **GENDER SORTING SYSTEM** para frangos de corte.



CEVA.COM